



**PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO COORDENAÇÃO DO CURSO
DE 2ª LICENCIATURA - PARFOR**

DEIGLA CÁSSIA DE OLIVEIRA CAVALCANTE

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE
LÍNGUA ESPANHOLA**

BOA VISTA – RR

2020

DEIGLA CÁSSIA DE OLIVEIRA CAVALCANTE

**A MÚSICA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE
LÍNGUA ESPANHOLA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras com
Habilitação em Espanhol da Universidade Estadual de Roraima –
UERR, pelo PARFOR, como requisito parcial para obtenção do
título de graduado.

Orientadora: Prof.^a. Iris Anita Fabian Ramírez.

BOA VISTA – RR

2020

Copyright © 2020 by Deigla Cássia de Oliveira Cavalcante.

Todos os direitos reservados. Está autorizada a reprodução total ou parcial deste trabalho, desde que seja informada a **fonte**.

Universidade Estadual de Roraima – UERR
Coordenação do Sistema de Bibliotecas
Multiteca Central
Rua Sete de Setembro, 231 Bloco – F Bairro Canarinho
CEP: 69.306-530 Boa Vista - RR
Telefone: (95) 2121.0946
E-mail: biblioteca@uerr.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C376m Cavalcante, Deigla Cássia de Oliveira.
A música como ferramenta metodológica no ensino de Língua Espanhola. / Deigla Cássia de Oliveira Cavalcante. – Boa Vista (RR) : 2020.
72 f. : il.

Orientador: Prof^a. Iris Anita Fabian Ramírez.

Monografia (Graduação) - Universidade Estadual de Roraima – UERR, Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

1. Língua Espanhola 2. Música 3. Método 4. Ensino I. Ramírez, Iris Anita Fabian (orient.) II. Universidade Estadual de Roraima – UERR III. Título

UERR.Tcc.Mon.Gra.Let.Esp.2020 CDD – 372.65

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária
Letícia Pacheco Silva – CRB 11/1135 – RR

DEIGLA CÁSSIA DE OLIVEIRA CAVALCANTE

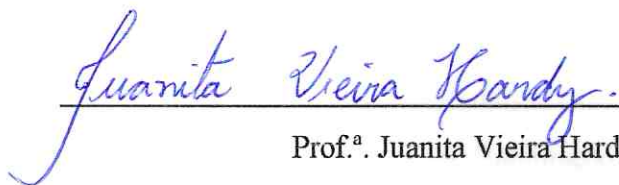
**A MÚSICA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE
LÍNGUA ESPANHOLA**

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Segunda Licenciatura em Letras com Habilitação em Espanhol da Universidade Estadual de Roraima - UERR - PARFOR, e avaliada pela seguinte Banca Examinadora:



Prof.^a. Iris Anita Fabian Ramírez.

Orientadora



Prof.^a. Juanita Vieira Hardy

Membro



Prof. Cesar Antonio Fabian

Membro

Boa Vista - RR, ____/____ 2020.

CESSÃO DE DIREITO

Todos os direitos reservados – Está autorizada a reprodução total ou parcial deste Trabalho de Conclusão de Curso, devendo incluir fonte:

CAVALCANTE, Deigla Cássia de Oliveira Graduada no curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Espanhol pela Universidade Estadual de Roraima.

CAVALCANTE, Deigla Cássia de Oliveira.

A música como ferramenta metodológica no ensino de Língua Espanhola. - Orientadora Prof.^a Iris Anita Fabian Ramírez. Universidade Estadual de Roraima - UERR. Área: Ciências Humanas, 2020.

1 – Monografia – Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Espanhol – Universidade Estadual de Roraima.

Área: Ciências Humanas.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, ao meu esposo Licínio Cavalcante, aos meus filhos Licínio Netto e Deigla Lúvia, a minha mãe Rosalina Pinto de Miranda, ao meu pai Olímpio Santana de Oliveira (In Memoriam), e as minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades durante todo o processo acadêmico.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora Prof.^a. Iris Anita Fabian Ramírez, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

A minha família, pelo amor, a compreensão e apoio incondicional. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Programas que enfatizam o potencial da música no processo de integração social e de construção da identidade vêm ganhando corpo na sociedade. Por conta disso, a música é cada vez mais usada para alfabetizar, resgatar a cultura e ajudar na compreensão do conhecimento pelos alunos. Assim, independentemente de qual seja a disciplina, a música pode ser utilizada, desde que se tenha finalidades educativas muito bem planejadas”.

(LOUREIRO 2003)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a utilização da música como uma ferramenta metodológica capaz de auxiliar significativamente o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Língua Espanhola. A música é um recurso didático pedagógico que possibilita o desenvolvimento da comunicação, a aquisição do idioma, o estímulo ao pensamento independente, a criatividade, o senso crítico, a concentração, a atenção, a imaginação, entre outros. O objetivo geral deste trabalho é conhecer a importância de se trabalhar com a música no ensino da Língua Espanhola na escola. A metodologia utilizada é de abordagem qualitativa-quantitativa, os dados para a fundamentação do estudo foram obtidos por meio da técnica de levantamento, aplicando dois questionários compostos de perguntas fechadas e com entrevista, sendo um direcionado aos docentes de Língua Espanhola e outro aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental da rede pública estadual no município de Boa Vista. Os resultados apontaram que a música é atrativa e envolvente, porém ainda não é utilizada por todos os professores da rede pública estadual, mesmo todos tendo consciência de que a música entretém e desperta a atenção do aluno, motivando-os a aprender de maneira lúdica, auxiliando ainda o professor a manter a ordem e a disciplina em sala de aula. Também é importante que se utilize em geral músicas contemporâneas visando não fugir muito à realidade e ao gosto do estilo musical dos alunos, pois ao mesmo tempo que a música auxilia, ela também pode atrapalhar toda uma aula.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Recurso Didático; Língua Espanhola; Aprendizagem.

RESUMEN

El presente trabajo trata sobre la utilización de la música como una herramienta metodológica capaz de auxiliar significativamente el proceso de enseñanza-aprendizaje en la disciplina de Lengua Española. La música es un recurso didáctico pedagógico que posibilita el desarrollo de la comunicación, la adquisición del idioma, el estímulo al pensamiento independiente, la creatividad, el sentido crítico, la concentración, la atención, la imaginación, entre otros. El objetivo general de este trabajo es conocer la importancia de trabajar con la música en la enseñanza de la Lengua Española en la escuela. La metodología utilizada es de enfoque cualitativo- cuantitativo. Los datos para la fundamentación del estudio fueron obtenidos por medio de la técnica de levantamiento, aplicando dos cuestionarios compuestos de preguntas cerradas y con entrevista, siendo uno dirigido a los docentes de Lengua Española y otro a los discentes del 6° al 9° año de la Enseñanza Fundamental de la red pública en el municipio de Boa Vista. Los resultados apuntaron que la música es atractiva y envolvente, pero aún no es utilizada por todos los profesores de la red pública del estado, incluso todos teniendo conciencia de que la música entretiene y despierta la atención del alumno, motivándolos a aprender de manera lúdica, ayudando al profesor a mantener el orden y la disciplina en clase. También es importante que se utilice en general músicas contemporáneas visando no huir mucho a la realidad y al gusto del estilo musical de los alumnos, pues al mismo tiempo que la música auxilia, ella también puede entorpecer toda una clase.

PALABRAS CLAVE: Música; Recurso Didáctico; Lengua Española; Aprendizaje.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1.1	Tema.....	14
1.2	Delimitação do tema.....	15
1.3	Planejamento do problema.....	15
1.3.1	Percepção do problema.....	15
1.3.2	Perguntas de investigação.....	15
1.3.2.1	Pergunta geral.....	17
1.3.2.2	Perguntas específicas.....	17
1.4	Objetivos.....	18
1.4.1	Objetivo geral.....	18
1.4.2	Objetivos específicos.....	18
1.5	Hipóteses.....	18
1.6	Justificativa.....	19

CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

2	Visão geral e histórica do ensino de uma segunda língua.....	21
2.1	Histórico do ensino de espanhol nas escolas públicas do Brasil.....	28
2.2	A música como estratégia pedagógica na sala de aula.....	35
2.3	A importância da música na prática educativa no cotidiano e no currículo escolar de Língua Espanhola.....	40
2.4	O papel do professor como mediador.....	45
2.5	Os benefícios propiciados pela utilização da música para a aprendizagem no ensino de Língua Espanhola	47

CAPÍTULO III – METODOLOGIA	53
3. Análise dos resultados.....	55
3.1 Resultados dos questionários aplicados aos professores.....	55
3.2 Resultado dos questionários aplicados aos alunos.....	59
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos professores.....	69
APÊNDICE B – Questionário aplicado aos alunos.....	71

1 - INTRODUÇÃO

A utilização da linguagem musical é uma das muitas formas metodológicas que se tem conhecimento. Ela ajuda significativamente no processo de ensino-aprendizagem de todas as disciplinas do currículo escolar. Pois, possibilita ao aluno familiarizar-se com os conteúdos aprendidos, facilita a compreensão do processo de construção do conhecimento, o reconhecimento da escola como espaço social e do mundo a sua volta.

A utilização da linguagem musical no ensino de Língua Espanhola significa a possibilidade de se ter à música como recurso didático e metodológico diferenciado na sala de aula, além de ser um instrumento de trabalho motivador e prazeroso, que se traduz pela praticidade direcionada à construção do conhecimento pelo aluno. A escolha deste tema surgiu dos vários momentos vivenciados ao longo do Curso, por meio das atividades em sala de aula, fora dela e na prática de Estágio, no qual se utilizou da música como ferramenta metodológica e facilitadora da aprendizagem, evidenciando também, a importância de se utilizar este recurso tanto no ensino de conteúdos curriculares quanto na comunicação da língua aprendida.

Além disso, verificou-se que a música apresenta-se, no contexto atual, como importante estratégia para estimular a aprendizagem. Em se tratando especificamente do ensino de Língua Espanhola, e levando em conta a necessidade de se vivenciar situações reais da comunicação fundamentais a aprendizagem deste componente curricular, tem sido comprovado que os alunos que utilizam deste recurso para a fixação dos conteúdos aprendem mais facilmente, interagem, se socializam, pois estão mais motivados.

Em se tratando da adoção da música como elemento potencializador da aprendizagem no ensino de Espanhol na escola, evidencia-se as inúmeras possibilidades de trabalho propiciadas por meio desta prática com os alunos em sala de aula, uma vez que possibilita, por meio de uma maneira dinâmica e estimuladora, ao aluno, aprender, a construir conceitos e significados diversos sobre o conteúdo trabalhado, a se desenvolver como pessoa autônoma e participativa, a vivenciar novas experiências, a testar hipóteses, com a finalidade de atingir os objetivos escolares.

Ou seja, a música no ensino de Língua Espanhola, principalmente daquelas que são de origem espanhola, constituem-se um importante recurso no processo de ensino-

aprendizagem, pois propicia o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à aprendizagem dos alunos, que, muitas vezes cansados das mesmas metodologias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula, esperam encontrar uma dinâmica prazerosa e estimulante à apreensão do conhecimento tão necessário a sua formação escolar, pessoal e social, além de configurar-se em um recurso didático-pedagógico a mais para facilitar o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, bem como, trabalhar a comunicação, a aquisição do idioma, estimular o pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas ligados ao contexto no qual estão inseridos.

É com base nestes pressupostos que se torna fundamental saber à necessidade que se tem de contextualizar a temática proposta com vistas a compreender o verdadeiro valor da música no ensino de Língua Espanhola na escola. Assim, ao refletir sobre essa questão, esse estudo possibilitou a oportunidade de buscar responder a seguinte problemática: “Qual a contribuição da música no ensino da Língua Espanhola no segundo ciclo do Ensino Fundamental”. Diante da problemática estabelecida, essa pesquisa teve como objetivo geral: Conhecer a importância de se trabalhar com a música no ensino de Língua Espanhola na escola.

Com relação aos objetivos específicos, foi estabelecido: Organizar com os professores suas atividades e materiais didáticos para o trabalho com a Língua Espanhola em sala de aula; Trabalhar a forma como os professores utilizam a música em suas aulas; Inserir quais as principais dificuldades na musicalização como ferramenta didática; Melhorar o potencial da música na qualidade do ensino da Língua Espanhola.

Tendo em vista os objetivos e o problema da pesquisa proposta, a realização deste estudo justifica-se: Pela relevância que se tem a temática em questão no contexto escolar, haja vista se perceber que o ensino de idiomas não pode ficar preso apenas ao livro didático ou a teorização de conteúdos para que não se corra o risco de se ensinar o aluno a pronúncia incorreta das palavras. Por isso a necessidade de trabalhar o ensino de Língua Espanhola baseado na utilização da música como ferramenta metodológica diferenciada, visando possibilitar aos alunos interagirem de modo real, ou seja, lendo, escrevendo, escutando, falando e observando atos e fatos do cotidiano que podem ser facilmente encontrados na música, um meio lúdico bastante utilizado pelas diferentes

áreas do conhecimento para motivar a aprendizagem do aluno de modo mais significativo.

Logo, sua seriedade centra-se na busca de demonstrar que a utilização da música se faz necessária no ensino de Espanhol, pois sua finalidade consiste em facilitar ao aluno a aquisição das competências linguísticas necessárias à comunicação de maneira adequada em diferentes situações da vida cotidiana, além de ajudar na ampliação da visão de mundo e na compreensão, leitura e interpretação de textos.

Para a construção da revisão de literatura adotou-se a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, do tipo exploratório, mediante o método dedutivo, utilizando-se, para isso, para o registro e análise, do levantamento bibliográfico por meio da técnica de fichamento, resumo de livros e artigos em torno da temática proposta, possibilitando assim, que o problema de pesquisa seja de fato respondido.

A fundamentação teórica deste trabalho foi organizada e contemplou os seguintes capítulos. O primeiro propõe uma discussão sobre a utilização da música como estratégia pedagógica na sala de aula. O segundo aborda a importância da música na prática educativa no cotidiano e no currículo escolar de Língua Espanhola. O terceiro, por sua vez, apresenta uma compreensão sobre os benefícios propiciados pela utilização da música para a aprendizagem e desenvolvimento de competências linguísticas no ensino de Língua Espanhola.

Por último, ciente da importância deste estudo, para a minha formação acadêmica e profissional, para o ensino e para a pesquisa, espera-se que este trabalho possa ser utilizado por acadêmicos e profissionais da área, como fonte de pesquisa, material de apoio, além de ajudar a despertar ainda mais interesse em relação ao tema.

1.1 TEMA

A Música como Recurso Didático no Ensino da Língua Espanhola no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A Música como Ferramenta Metodológica no Ensino da Língua Espanhola no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental nas Escolas Públicas de Roraima no Biênio 2018-2019.

1.3 PLANEJAMENTO DO PROBLEMA

1.3.1 PERCEPÇÃO DO PROBLEMA

O ensino e aprendizagem de língua estrangeira nas escolas vem sendo constantemente debatido e questionado, objetivando torná-lo mais significativo, envolvente e pleno de sentido para o aluno. Observando as experiências dos professores de espanhol como segunda língua, frequentemente eles enfrentam dificuldades relacionadas à seleção de materiais e preparação de atividades. Como ressaltado por, Coan e Pontes (2013, p.180):

No tocante ao processo de ensino-aprendizagem dessa língua, observamos que o aluno brasileiro tem facilidade no início do estudo de Espanhol, pelo fato de esse idioma vir do Latim, como o Português. No entanto, as semelhanças entre as duas línguas não o isentam das dificuldades que existem na aprendizagem dos níveis fonético-fonológico, morfo sintático ou léxico-semântico. No ensino de Espanhol como língua estrangeira – E/LE, desconsidera-se, por vezes, o fenômeno de variação linguística, com a apresentação, ao aluno, de um único modelo de língua, como se essa fosse homogênea. O professor, muitas vezes, tem conhecimento de Sociolinguística e das variedades do Espanhol, mas lhe faltam recursos e materiais ou faltam pesquisas de natureza aplicada ao ensino. (COAN e PONTES, 2013, p. 180).

De acordo com os dados do Relatório elaborado pelo Instituto Cervantes em 2015, intitulado “O espanhol: uma língua viva. Relatório 2015”, 470 milhões de pessoas têm o espanhol como língua materna e 599 milhões de falantes no mundo. Também foi registrado que a Língua Espanhola é também a segunda mais utilizada nas redes sociais Facebook e o Twitter representando um total de quase 8% dos usuários, sendo a terceira língua mais falada na Internet. Isso demonstra a necessidade de desenvolver ferramentas de ensino facilitadoras para a aprendizagem da língua espanhola, considerando a

complexidade do processo de aprendizado de uma Língua Espanhola. Nessa mesma linha de pensamento Granberg (2001, p. 11) expressa que:

Precisamos desenvolver nossa compreensão do complicado processo de aprender uma segunda língua e desenvolver teorias coerentes para nos ajudar a explicar esses processos. Também precisamos aumentar esse entendimento e conhecimento para desenvolver nosso ensino de segundas linguagens de maneira efetiva e competente. (GRANBERG, 2001, p. 11).

Segundo Dell Valle (2007 apud Zolin-Vesz, 2013, s/p) a visibilidade da promoção da Língua Espanhola no Brasil é conferida às instituições espanholas. O autor realça que os instrumentos oficiais espanhóis que estimulam a difusão da língua no exterior, como por exemplo, o Ministério da Educação da Espanha, dotam três características principais: a concórdia, o universalismo e a rentabilidade. Vejamos a descrição de cada uma destas:

A primeira característica assume a imagem do espanhol como uma “língua de encontro”, ou seja, instrumento de comunicação que possibilita o diálogo e a convivência harmônica próprios de uma pátria comum. Assim, o espanhol é considerado a língua comum do mundo hispânico, em que a Espanha desempenha papel central, servindo como modo de expressão a múltiplas culturas. Simboliza o espírito de concórdia e de democracia.

A segunda característica afirma o caráter global do espanhol como uma língua em expansão. Esta projeção global, na lente do autor, resulta tanto de sua presença nos países que constituem o mundo hispânico quanto de sua capacidade de expansão, exemplificada com sua presença, em países como Brasil e Estados Unidos, e seu constante crescimento como língua estrangeira, no sistema educativo de vários países.

Por fim, a terceira característica encadeia o espanhol à sua condição de recurso econômico, ou seja, uma língua útil e rentável que pode constituir valioso capital cultural para quem a detém. [grifo]

Nota-se que há todo um investimento do Governo espanhol para a promoção da língua no país. Não obstante, o material de apoio pedagógico oferecido pela escola pública no Brasil é o livro didático, e, em geral, as crianças sentem muitas dificuldades de aprendizagem linguística. Na realidade, a necessidade de material educativo para o

desenvolvimento linguístico dos alunos é uma questão fundamental para melhorar o sucesso escolar na disciplina de Língua Espanhola.

Entender que ensino de espanhol embora seja aplicado a partir das séries finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) na rede pública de ensino é matéria facultativa. Também não há como testar o aprendizado de maneira padronizada, haja vista que a única prova comum é o Enem, contendo apenas cinco questões objetivas, outro detalhe é que o aluno que vai prestar esse exame tem a possibilidade de escolher entre fazer uma prova de inglês ou espanhol. Logo, a maioria dos alunos não possuem muito interesse nas aulas posto que seus rendimentos não são avaliados. No entanto, o aprendizado da disciplina é de suma importância e o professor deve ter satisfação de ensinar não somente aos alunos interessados e envolver o aluno, ser ativo.

1.3.2 PERGUNTAS DE INVESTIGAÇÃO

1.3.2.1 PERGUNTA GERAL

Qual a contribuição da música no ensino da Língua Espanhola no segundo ciclo do ensino fundamental?

1.3.2.2 PERGUNTAS ESPECÍFICAS

- I. Como os professores organizam suas atividades e materiais didáticos para o trabalho com a Língua Espanhola em sala de aula?
- II. De que forma como os professores trabalham com a música em suas aulas?
- III. Quais as principais dificuldades em inserir a musicalização como ferramenta didática?
- IV. Qual o potencial da música na melhoria da qualidade do ensino da Língua Espanhola?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a contribuição da música no ensino da língua espanhola no segundo ciclo do ensino fundamental.

1.4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Analisar como os professores organizam suas atividades e materiais didáticos para o trabalho com a Língua Espanhola em sala de aula.
- II. Averiguar a forma como os professores trabalham com a música em suas aulas.
- III. Compreender as principais dificuldades em inserir a musicalização como ferramenta didática.
- IV. Evidenciar o potencial da música na melhoria da qualidade do ensino da Língua Espanhola.

1.5 HIPÓTESES

- I. Como o livro didático é o recurso mais acessível tornar-se o material mais utilizado pelos professores de Língua Espanhola.
- II. Os professores inserem em suas aulas músicas com base nos gostos e necessidades de aprendizagem de seus alunos, mas com qualidade auditiva para exercitar a habilidade áudio-lingual dos mesmos.
- III. As principais dificuldades dos professores em inserir a música no ensino de

Língua Espanhola estão relacionadas ao tempo para preparação mais detalhada de cada das atividades, bem como a elaboração de um currículo de ensino voltado ao gosto e perfis de cada aluno.

IV. A música envolve aspectos importantes para fins educacionais quando utilizada como ferramenta didática.

1.6 JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, o modo tradicional do ensino de línguas tem sido questionado tanto em termos de sua fundamentação teórica quanto de suas aplicações prática e didática, conforme relata nas suas anotações sobre as restrições textuais na desambiguação lexical de (Leffa, 1998). Essa situação é parte de um problema tanto estrutural quanto pedagógico muito complexo. Do Célio Campos Júnior, expõem algumas situações:

Os templos sagrados do ensino, antes chamados de escolas, foram violados pela indiferença dos dirigentes, destruídos pela ação do tempo, tornados insalubres pela falta crônica de investimentos. O material didático é precário. A escola pública converteu-se num reduto de carências, monótono, sem vida, sem atrativos para a infância e para a adolescência (CAMPOS JÚNIOR, 2008, p.166).

Ao longo de todos esses anos atuando na função docente, têm-se verificado que o nível teórico quanto prático e didático do ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas é inoperante e ineficaz. A assimilação do conhecimento da língua transmitindo pelos professores, exige esforço por parte dos alunos, tornando as aulas desestimulantes e contribuindo assim para a falta de interesse pela aprendizagem de uma Língua Espanhola.

Assim, desenvolveu-se uma forte reflexão sobre o ensino de espanhol tanto no que diz respeito ao conteúdo, ao que precisa ser ensinado, quanto à metodologia didática, como será ensinado. Procurou-se definir os critérios e documentar as escolhas no nível do conteúdo e buscar propor meios no nível da prática docente que servissem de forma

mais efetiva à aquisição dos conhecimentos e habilidades para a aquisição da Língua Espanhola como segunda língua. Esses são problemas complexos e multifacetados que são abordados de vários ângulos.

Desafiando a forma tradicional de ensino buscou-se por novas abordagens para o ensino de Língua Espanhola num período de dois anos (2018 e 2019), e buscou-se várias publicações científicas em sites e revistas nacionais e internacionais demonstrando que a música pode estimular o aprendizado em diferentes áreas do conhecimento, sendo um valioso recurso no ensino-aprendizagem de espanhol Segundo estes teóricos, (Moleiro, 2011; Ludke, 2009; Pereira, 2007).

A música além da capacidade de comunicação, engloba a totalidade do comportamento da linguagem, isto é, não se limita à competência linguística definida por Chomsky (1965) no sentido de conhecimento do sistema linguístico, mas também inclui a capacidade de usar este sistema em diferentes culturas sociológicas com afirmado por Hymes (1966). Em outras palavras, a música possui uma potencialidade didática, competência comunicativa a capacidade dos docentes não apenas de produzir e corrigir proposições gramaticais, mas também de conhecer as condições sociais de usar essas propostas em uma circunstância específica.

Essas condições são determinadas por fatores como: quem fala; para quem fala; onde fala; com que finalidade; sobre o assunto consistindo, portanto, num excelente canal de comunicação. Mediante ao exposto, esse trabalho é de suma relevância para se conhecer e mostrar o modo como os professores de língua espanhola das escolas da rede pública de Roraima conduzem suas aulas, bem como despertá-los a necessidade e a importância de utilizar a música como ferramenta didática no ensino dessa língua tão útil em um mundo globalizado em que vivemos.

II - MARCO TEÓRICO

2.1 - VISÃO GERAL E HISTÓRICA DO ENSINO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA.

A pesquisa publicada em 2011 na Revista *Science* pelo Dr. Quentin Atkinson, do Departamento de Psicologia da Universidade de Auckland, Nova Zelândia, mostra que a primeira língua também assim como o primeiro ser humano, se originou no Continente Africano. Então as linguagens modernas evoluiriam daquela primeira e única linguagem, como resultado da migração de populações¹.

Assim, a diferenciação surgiu como resultado de migrações intensas, a busca de espaço para viver e as diferenças de idiomas. Cada uma das cidades evoluiu, em seus ambientes residenciais, em sua própria linguagem, uma forma de comunicação.

No terceiro milênio a.C. a qual foi provavelmente a primeira grande civilização do mundo, os sumérios tinham escribas dedicados exclusivamente à educação, sendo responsáveis por compilar os mais antigos dicionários bilíngues conhecidos. Após esse país ser conquistado pelos acadianos, longas passagens contínuas foram traduzidas do sumério para o acádio (McLAUGHLIN, 1985). Os escribas eram considerados “os doutores da lei, tinham como função e missão a tradução e ensino do Torá” (LIMA, 2009, p. 59).

Segundo Azevedo (2012), nas sociedades orientais, um dos funcionários mais importantes tinha missão de ler e escrever como importante fato que deu poder de ler e escrever ao escrivão o qual privilégios significativos e permitiu-lhe ocupar as mais diversas posições e funções. Entre os sumérios, a valiosa atividade do escritor era pedagógica. Nas Faculdades Reais na Babilônia e na Assíria, esperava-se que os jovens estudantes fossem proficientes em várias línguas depois de três anos (Lewis, 1974 *apud* McLAUGHLIN, 1985). Há alguma evidência que os métodos usados nessas escolas variavam dependendo do tipo de educação que os alunos recebiam. Mas mesmo aqueles

¹ Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2011/04/110415_lenguaje_origen_africa_men>
Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

cujas habilidades de alfabetização foram restritas a documentos de negócios recebeu uma base completa no antigo Línguas sumérias, bem como em sua primeira língua (McLAUGHLIN, 1985, p. 03).

Ainda de acordo com McLaughlin (1985) os acádios, os egípcios também seus escribas que lhes ensinavam as línguas dos povos conquistados. Embora pouco soubesse sobre como as línguas eram ensinadas, há evidências consideráveis de que os escribas egípcios no Oriente Médio e Novo Reino estavam familiarizados com as línguas de outros países. No Período Ptolemaico, as classes altas no Egito receberam sua educação em grego. Similarmente, na Ásia Menor, a maioria das pessoas em tempos helenísticos só poderiam ler ou escrever se fosse no idioma grego, sua segunda língua. O Grego também foi usado amplamente entre os judeus no Egito e na Ásia. Os judeus foram os primeiros estudos a desenvolver linguística comparativa, através do estudo das línguas semitas e não-semíticas (McLAUGHLIN, 1985, p. 03).

O autor também ressalta que no Império Romano, os modelos helenísticos de fala e cultura foram amplamente adotados. A maioria dos romanos bem instruídos eram capazes de falar grego, e até mesmo os menos instruídos entendiam o grego o suficiente para lidar com frases e expressões gregas em obras de dramaturgos populares como Plauto. As crianças romanas geralmente tinham ouvido falar grego na infância de uma enfermeira ou escrava grega e, à medida que cresciam, eram educadas bilíngues, muitas vezes por estudantes gregos iam a Roma atuar em escolas bilíngues (McLaughlin, 1985).

Desde o primeiro século a.C., quando Horácio escreveu, qualquer romano instruído era fluente em grego e latim. O contato com a língua e cultura grega deu aos romanos uma compreensão mais profunda de sua própria língua e o amadurecimento da cultura romana permitiu que a língua latina encontrasse o grego em igualdade de condições. Na escola, os alunos seguiram os cursos paralelos de estudo do grego Gramáticos e do latim Ludi Magister (McLaughlin, 1985).

Assim, a língua grega foi introduzida às crianças romanas antes de terem qualquer instrução formal em sua primeira língua, na verdade, antes que eles tivessem qualquer controle do latim. Quando as crianças começaram a educação formal, já eram fluentes em ambas as línguas, embora algumas crianças falassem latim com sotaque grego sotaque. Isso levou a protestos patrióticos ocasionais contra a ênfase no grego em a educação de crianças romanas. Além disso, havia algum receio de que duas línguas eram

um fardo muito grande para muitas crianças. No entanto, tão tarde no século IV d.C., a educação bilíngue era uma parte importante do currículo, crianças romanas, até mesmo crianças da classe média, como Agostinho (Lewis, 1974 *apud* McLaughlin, 1985).

No início do século III a. C, os romanos desenvolveram manuais chamados *Hermeneumata Pseudodositheans*, contendo vocabulário grego-latim e uma série de textos simples narrativos como fábulas de Esopo, sobre mitologia, ou contado da guerra de Tróia. As palavras de (Meillet 1933 *Apud* Martins, 2006, p. 19) Expressam Que:

Durante seis a oito séculos de Império Romano, do século III a.C. ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua latina conservou uma aparente fixidez, mas que não correspondia à sua situação lingüística real. A imobilidade aparente da forma visível, escondia uma mudança radical que existia na estrutura interna da língua, resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo. Assim que se deu a ruína do Império Romano e de sua civilização, os resultados dessa mudança se manifestaram rapidamente. (MEILLET 1933 *apud* MARTINS, 2006, p. 19).

Na Europa medieval, o latim era a língua internacional de comunicação e cultura. Era uma língua viva e foi ensinada oralmente através da leitura e composição (Titone, 1968 *apud* McLAUGHLIN, 1985). Todo homem educado era bilíngue, tendo estudado Latim a partir do momento em que ele era uma criança pequena. Esta tradição persistiu até bem no período da Renascença McLAUGHLIN, 1985).

Uma vez que a língua latina deixa de ser um veículo normal de comunicação, e substituída pelas línguas vernáculas, rapidamente se tornou uma "ginástica mental, a língua supremamente "morta", considerada como base indissociável para todas as formas de ensino superior. (Titone 1968 *apud* Richards; Rodgers 1999, p. 02).

Nos séculos XV e XVI, o mundo viu o "despertar" da cultura, da arte e da ciência, após um período desprovido de avanços culturais, científicos e sociais na Idade Média. No Humanismo Renascentista no homem tornou-se o centro das ideias com grande potencial humano, livre, criativo e consciente de seus limites e possibilidades (Sánches, 2009, P. 56). Assim, no Renascentismo europeu o latim tornou-se uma língua enfraquecida:

Como línguas "modernas" começaram a entrar no currículo da Europa No século XVIII, as escolas eram ensinadas usando os mesmos procedimentos básicos usados no ensino do latim. Os livros didáticos consistiam em declarações de regras gramaticais abstratas, listas de vocabulário e sentenças para tradução. Falar a língua estrangeira não era o objetivo, e a prática oral limitava-se a que os alunos lessem em voz alta as frases que haviam transmitido. Essas frases foram construídas para ilustrar o sistema gramatical da língua e, conseqüentemente, não tinham relação com a linguagem da comunicação real. Os alunos trabalharam por traduzir frases como as seguintes:

The philosopher pulled the lower jaw of the hen. My sons have bought the mirrors of the Duke. The car of my aunt is more treacherous than the dog of your uncle (TITONE 1968 *apud* RICHARDS; RODGERS 1999, p. 02).

Embora, fosse uma tendência, alguns livros usados durante o Renascimento eram surpreendentemente modernos em sua abordagem. Tais livros incentivaram a prática oral extensiva através de conversação. A prática da conversação deveria ser na segunda língua alvo, e o uso da língua materna deveria ser evitado pelo aluno que através desse exercício deveria assimilar formas gramaticais (Titone, 1968, McLuhan, 1985 *Apud* McLaughlin, 1985, p. 03). Segundo McLaughlin (1985) tais textos, no entanto, eram exceções relativamente raras à regra geral do treinamento de gramática, com pouca ou nenhuma ênfase nas habilidades orais. Conforme ressaltado por Thompson (1995, p. 93):

A medida que a leitura dos livros impressos foi se propagando ao longo do século XVI uma grande quantidade de livros foi sendo impressa nas línguas vernáculas, em vez do latim. (...) como alemão, francês e inglês. O crescimento no uso destas línguas estimula iniciativas para torná-la mais uniforme. Muitos dicionários e gramáticas foram produzidas tendo em vista a padronização da grafia, do vocabulário e da gramática. (THOMPSON 1995, p. 93).

Segundo a pesquisa no século XVII passou por uma evolução importante no ensino de línguas estrangeiras. Herdeiro da Reforma Protestante, e conseqüentemente do movimento pedagógico influenciado pela Reforma, denominado Realismo Pedagógico, ligado ao Humanismo, baseado no princípio fundamental do intuicionismo sensível. Não se preocupava apenas em impulsionar o conhecimento das coisas, mas fazer com que essas coisas aprendidas fossem utilizadas (Sánchez, 2009).

Já no final do Renascimento, o aprendizado da linguagem deixou de ser uma ferramenta prática e passou-se a ser voltado ao desenvolvimento da mente. Embora a comunicação oral tanto do latim quanto do grego, tivesse se tornado obsoleta, não sendo mais consideradas línguas vivas, as traduções de textos em ambos idiomas passaram a ser praticadas como forma de treinamento cujas regras de morfologia e sintaxe deveriam ser memorizadas, método que pode ser chamado de tradução gramatical (McLaughlin, 1985).

Pois no século XVIII, Juan Amos Comenius dedicou muito esforço ao estudo das questões pedagógicas e, no que diz respeito ao ensino das línguas, para ele as palavras nunca deveriam ser aprendidas de maneira isolada. Não era aconselhável começar o estudo de uma língua pela sua gramática, mas com frases simples e objetos em movimento e depois ir para as frases mais complicadas e os menos usuais. Com Comenius apareceu outra técnica nova que ainda hoje está presente no ensino de línguas estrangeiras: o método cíclico de instrução, disseminado em todo mundo (SÁNCHEZ, 2009).

No século XIX o gramaticalismo predominou e continuou a prevalecer em muitas escolas até meados do presente século XX (McLAUGHLIN, 1985). Com o advento do século XX além da Tradução Gramatical foram surgindo novas abordagens de ensino de línguas, tais como: Método Direto; Método Áudio-lingual e abordagens humanísticas. No Q1 MCLAUGHLIN (2012, p.06) explica cada abordagem detalhadamente.

Quadro 1 - Abordagens do século XX ao ensino das línguas.

<i>Tradução Gramatical</i>
Ênfase na aprendizagem sistemática de regras de morfologia e sintaxe; memorização de vocabulário; linha por linha de tradução para o aprendiz; proficiência oral minimizada; pouco treinamento de pronúncia.
<i>Método Direto</i>
Rejeição de tradução e ênfase na fala oral; gramática aprendida indutivamente; aprender a ler e escrever depois que a língua falada é dominada; A fonética enfatizava de tal forma que a pronúncia se aproxima da do falante nativo.

<i>Método Áudio-Lingual:</i>
Estresse em exercícios repetitivos e prática de padrões; a linguagem falada tem primazia; tradução rejeitada; análise contrastiva orienta a instrução; gramática aprendida indutivamente; precisão fonológica por meio de exercícios repetitivos em laboratórios de aprendizagem de línguas.
<i>Abordagens Humanísticas:</i>
Instrução individualizada e foco nas necessidades e atitudes do aluno; orientação eclética em relação ao método; foco na comunicação oral.

Fonte: MCLAUGHLIN, 2012, p. 06.

No que se refere ao método direto Jalil e Procailo (2009, p. 777) ressaltam que ao contrário do método de gramática e tradução, o uso da primeira língua e enfatiza o uso da língua-alvo na sala de aula. O “pensar na língua estrangeira” é a norma, assim como a comunicação, em seu sentido mais amplo”. De acordo com os autores, nesse método o professor faz uso de imagens, demonstrações, pantomimas e realismo, sendo o currículo baseado em situações e não em pontos gramaticais.

Segundo Klein (1986) o método Áudio-lingual configura-se num método de ensino de linguagem behaviorista popular na década de 1960 no qual diálogos são apresentados em fita para os estudantes memorizarem, seguidos por exercícios padrão para praticar formas verbais e estruturas de sentenças. Os alunos são primeiramente ensinados a ouvir e falar e depois ler e escrever com base na suposição de que é a sequência natural na aquisição da primeira língua. Para os behavioristas, os processos envolvidos no aprendizado de segunda língua ou de língua estrangeira consistiam em imitação, repetição e reforço de estruturas gramaticais. Os erros deveriam ser corrigidos imediatamente para evitar a formação de maus hábitos que seriam difíceis de superar mais tarde. Se o aluno foi ensinado por meio deste método, logo lembraria da prática de treinamento, muitas vezes realizada por meio de fitas de áudio em um laboratório de idiomas.

MCLAUGHLIN (1968) acentua que a abordagem áudio-lingual enfatizou a aprendizagem de segundas línguas de uma forma que aproxima a aprendizagem de primeira língua através audição e fala, em vez do aluno somente fazer traduções e aprender regras gramaticais de forma rotineira. Jalil e Procailo (2009, p. 778) ao enfatizarem as diretrizes deste método, explicam que:

(...) é importante mencionar a importância da correção imediata dos erros pelo professor. Acreditava-se que os erros levavam à formação de maus hábitos; portanto, deveriam ser tratados como algo destrutivo, e não construtivo. Em decorrência dessa postura diante dos erros, o reforço positivo era essencial. Assim, as respostas certas dadas pelos alunos deveriam ser valorizadas pelo professor, enquanto o erro deveria ser banido de sala de aula. (JALIL; PROCAILO 2009, p. 778).

Muitos professores da Língua Espanhola visam e trabalham com a técnica áudio-lingual foi denegrida como "desumanizadora" pelos defensores da orientação humanista para o ensino de segunda língua, por considerar que esse método era voltado principalmente para o ensino de adultos (McLAUGHLIN, 1985, p. 03). Por sua vez as abordagens de ensino humanísticas são centradas numa prática educacional voltadas às necessidades educacionais individuais de cada indivíduo. Aplicam-se a componentes variantes dos currículos educacionais, com diferenciação e individualização do processo educacional.

Todo o processo educacional é permeado pelo espírito do humanismo e é reconstruído para que a criança esteja no centro do cuidado do corpo docente. O professor fornece a gestão do processo de aprendizagem com os alunos - previsão conjunta de propósito, planejamento de trabalho, análise e autoanálise, controle e autocontrole no processo de atividade cognitiva. Com o trabalho no processo educacional percebe que o docente busca, planeja suas aulas com espírito de humanismo para que as atividades sejam prazerosas nas relações do ensino e aprendizado dos alunos.

A corrente humanista tem vários representantes, podemos destacar o precursor o psicólogo americano Abraham Maslow, T. Gordon, Carl Rogers, e o educador e filósofo brasileiro Paulo Reglus Neves Freire. Na educação humanística freiriana o eixo da mudança é o homem, o cultivo de sua crítica da capacidade e sua humanização, isto é, sua realização. Então Freire diz que: "O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação tu-eu". (FREIRE, 1987, p. 45).

Ao longo do processo educacional, Freire afirma que a humanidade será alcançada, que é a integração do homem, para cobrir todas as suas necessidades decorrentes de suas

hipóstases, baseado também no pensamento de (Gustsak, 2015, p. 35), relata o que Freire diz sob concepção da identidade cultural.

Freire pautado por uma abordagem humanista de assunção da palavra, afirma a identidade cultural e o respeito a ela como imperativo ético que se vincula a consciência de nosso inacabamento. Segundo ele, o educador que não respeita a curiosidade, o gosto estético, a inquietude, a linguagem e a rebeldia legítima de seus educandos, ironizando-os, assim como aquele educador que se furta ao dever de propor limites à liberdade do aluno e ao dever de ensinar, de se fazer presente na experiência formadora do educando “transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa experiência” (GUSTSAK, 2015, p. 35).

Tendo em vista do que foi mencionado, a força motriz para diferentes abordagens teóricas ao longo da história do ensino de uma língua estrangeira, foram as tendências dos fatores sociolinguísticos, as necessidades sociais, a posição socialmente privilegiada de um dialeto ou estilo que pode torná-los "padrão" para a mudança linguística, e assim por diante.

2.2 HISTÓRICO DO ENSINO DE ESPANHOL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO BRASIL

A influência da língua espanhola no sistema oficial de ensino no Brasil data dos últimos cento e vinte anos - não considera neste estudo a atuação dos jesuítas na educação portuguesa e espanhola nos séculos XVI e XVII - especialmente entre 1888 e 1930 (Reatto; Biassaco, 2007, p. 1). Segundo Guimarães, (2011, p. 01):

No início do século XX, a educação foi marcada por grandes transformações. A educação tinha uma importância muito grande para os interesses das oligarquias que estavam no poder desde a proclamação da República, que promoveram uma imigração em massa, desde final do século XIX, para o trabalho no campo. A escolarização dos imigrantes deveria servir para a adaptação ao trabalho requerido pelas elites. GUIMARÃES, (2011, p. 01):

O ensino de espanhol no sistema educacional brasileiro surgiu por meio do concurso para a cadeira de espanhol no Colégio Pedro II, aberto em março de 1919 e realizado em 5 de abril desse mesmo ano, ofertado com os recursos advindos da lei orçamentaria aprovada em 7 de janeiro de 1919 (Lei nº 3674). Teve como aprovado o Antenor Nascentes (1886-1972), sendo este, o primeiro a assumir a função de docente em espanhol, vindo a publicar o livro “Gramática da Língua Espanhola”, pela Companhia Editora Nacional, primeira gramática de espanhol publicada no Brasil (Guimarães, 2011, p. 02). Entretanto, conforme explicado por PRETA (2018, p. 02):

(...) os vários episódios que marcaram a década de 20 do século XX, tais como o crescimento industrial, o desenvolvimento das cidades, o aumento da população e eventos como a Semana de Arte Moderna de 1922, abalaram as composições políticas e culturais da República Velha. Dentro dessa efervescência cultural, surgiu a reforma Lei Rocha Vaz que, mediante o Decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, extinguiu o ensino de espanhol no Colégio Pedro II e passou o italiano para disciplina facultativa. A língua espanhola como disciplina ficou pouco tempo como parte integrante da grade curricular. O Decreto Federal nº 18.564 de 15 de janeiro de 1929 alterou a seriação do curso do ensino secundário no Colégio Pedro II (PRETA, 2018, p. 02).

Consequente com o Decreto 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925, o professor de espanhol Antenor Nascentes foi transferido para uma segunda cadeira de português. Quatro anos depois, o Decreto Federal nº 18.564, de 15 de janeiro de 1929, alterou novamente o currículo do ensino secundário. Com a nova alteração o Colégio Pedro II publicou em 24 de março de 1929 o ensino da Literatura Espanhola em seu programa de ensino, (Guimarães, 2011).

Na década de 1940, com a chamada Reforma Capanema², a língua espanhola expandiu-se nos programas nacionais de educação primária. No entanto, na década de 1960, o ensino de línguas estrangeiras tornou-se opcional e o espanhol foi excluído do

² Ao iniciar a sua gestão no Ministério da Educação e Saúde Pública (Mesp) em 1934, Gustavo Capanema parecia ter clareza da necessidade de reorganizar os serviços de educação e saúde. Assim, deu início a uma reforma administrativa nos serviços federais de saúde, tendo como lastro os ideais que orientam a política vanguardista quais sejam a formação de uma nova nação e de um novo homem e a necessidade de consolidar a unidade nacional. As referências à estrutura administrativa que o Mesp apresentava até então apontavam, segundo o ministro, para a necessidade de reformá-la no sentido de dar-lhe um formato mais coordenado, uniformizado e harmônico, buscando a centralização como solução. HOCHMAN, G.; FONSECA, C. A I conferência de saúde pública em debate no estado novo. In: GOMES, A. C. (Org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro:FGV, 2000. p. 176.

sistema educacional brasileiro (Rinaldi, 2014). Como destacado por Silva Júnior e Santos (2016, p. 76): “Em 1942, na Reforma Capanema pela primeira vez esse idioma foi incluído na grade curricular obrigatória brasileira, por meio do decreto lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942, que determinava sua isenção no segundo ciclo do Secundário, tanto no Clássico”.

Segundo Moraes (2010, p. 29) após muitas mudanças, o ensino de línguas estrangeiras ganhou maior prestígio depois da Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 1950 e 1960, "como resultado dos avanços conquistados pelas Ciências Linguísticas. Ainda que de maneira tímida, é na reforma de Capanema que se dá o marco inicial do Ensino de Língua Espanhola no território nacional (...)”. Foi “a partir desta reforma, iniciou-se um debate no país sobre a educação até que se chegasse à Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961” (PRETA, 2018, p. 03).

Em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek, de 1956 a 1961, pediu ao Congresso Nacional que elaborasse um projeto de lei que incluísse o espanhol no currículo escolar brasileiro. “Assim, em 1958, o primeiro texto foi rejeitado por causa da intervenção política e cultural da Inglaterra e da França, as nações culturalmente hegemônicas da época” (Reatto; Biassaco, 2007, p. 03). Com a falta de êxito, o ensino de espanhol praticamente extinguiu-se no Brasil, como ressaltado nas palavras Luziana de Magalhães Catta Preta:

Na contramão da Reforma Capanema, a publicação da LDB/61 reduziu o ensino de línguas a menos de 2/3, acabou com a sua obrigatoriedade nas escolas e deixou a cargo dos Estados a opção pela sua inclusão nos currículos das últimas quatro séries do ensino fundamental, com duração de oito anos (BRASIL, 1961). Como consequência, a partir desta lei, o espanhol praticamente desapareceu das escolas brasileiras, ao passo que o francês e, em especial, o inglês conservaram-se preponderantes. (PRETA, 2018, p. 03).

As LDB's de 1961 e 1971 foram introduzidas sem especificar a língua estrangeira a ser estudada nas escolas ficando a critério das instituições a escolha de pelo menos uma língua estrangeira moderna. Assim o idioma francês e o inglês ganharam espaço no currículo nacional. Na LDB de 1961, as línguas estrangeiras foram obrigatórias no

ensino primário e secundário, já na LDB de 1971, foram consideradas obrigatórias apenas no ensino secundário (Silva-Júnior; Santos; Rocha, 2016).

Com a descrença no ensino de línguas estrangeiras nas escolas públicas e a dominação econômica mundial dos Estados Unidos, cresceu a busca pelos cursos de inglês e, assim, confirmou-se um cenário que só começaria a mudar sensivelmente em meados da década de 1980, com a criação dos primeiros Centros de Línguas Estrangeiras Modernas ou Centros de Estudo de Línguas, por iniciativa das Secretarias de Educação de alguns estados brasileiros. Embora sem reconhecimento legal, tais centros contribuíram com a expansão de cursos de língua espanhola pelo Brasil. (REATTO; BISSACO, 2007, p. 03).

Somente a partir da década de 1990 o ensino de espanhol expandiu-se significativamente no Brasil. Esse crescimento considerável deu-se em razão do aumento da oferta e da demanda. A expansão das relações comerciais entre o Brasil e os países latino-americanos de Língua Espanhola e a chegada de várias empresas e agências espanholas no Brasil impulsionaram o mercado de ensino de idiomas. Esses fatos nos levam à conclusão de que a principal motivação para essa demanda pelo conhecimento do idioma espanhol é o preenchimento de vagas oferecidas em diversos setores do mercado de trabalho (Lísboa, 2009).

Decretada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394) em 20 de dezembro de 1996, a língua estrangeira assumiu novo *locus* na escola brasileira, passando a ser incluída no segundo ciclo do ensino fundamental. Juntamente com o progresso da língua estrangeira no desenvolvimento curricular, com base nessa legislação foram criados os PCN's para o ensino de língua estrangeira, e, embora não seja compulsória, tem legitimidade (Moraes, 2010). No art. 36 parágrafo III da LDB 9.394/96 era previsto que:

Art. 36 (...)

(...)

III - Será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição.

Na medida em a LDB 9.394/96 não propôs que a disciplina de Língua Espanhola fosse obrigatória, mas sim ofertada, abriu espaço para a aprovação da Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005, pelo presidente Lula, também chamada de “Lei do Espanhol”, a qual tornou-se necessária a oferta de educação em espanhol para todas as escolas públicas de ensino médio do país, e foi acordada a possibilidade dessa oferta na 6ª a 9ª séries a partir de 2010³. Lei 11.161/2005:

Vejamos a redação dos Artigos 1º ao 3º da Lei nº. Art. 1º O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.

§ 1º O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei.

§ 2º É facultada a inclusão da língua espanhola nos currículos plenos do ensino fundamental de 5ª a 8ª séries.

Art. 2º A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.

Art. 3º Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola (BRASIL, LEI Nº. 11.161/2005).

Quanto as escolas da rede privada de ensino na redação do Art. 4º da Lei supramencionada confere a oportunidade ofertar a disciplina por meio de diferentes estratégias, desde aulas no horário normal dos alunos, até a inscrição em cursos de Língua Moderna. “A assinatura da Lei no 11.161/2005 veio, de certa forma, suprir o não cumprimento da LDB/1996, mas acabou criando uma nova obrigatoriedade que, no meu ponto de vista, mais confundiu que esclareceu” (Rodrigues, 2016, p. 24).

Ora lei aprovada, ora desaprovada, elucida a influência dos interesses político-econômicos e ideológicos internos e externos sobre as decisões das políticas

³ Esse período máximo de cinco anos dado para essa adequação foi em razão da falta de professores licenciados em espanhol. Em 2005 esse déficit contabilizava na época cerca de 20 mil professores, segundo dados do Ministério da Educação.

educacionais. De acordo Fernanda Peçanha Carvalho o sancionamento da Lei nº. 11.161/2005 teve motivações política econômica neoliberal e ideologia capitalista:

A legislação foi elaborada e sancionada em um contexto político econômico neoliberal e de forte tendência populista. Algumas das possíveis motivações para a promulgação da legislação referem-se à localização geográfica brasileira, uma vez que somos um gigante lusófono em meio à América hispanofalante; à manutenção e ao fortalecimento do bloco econômico Mercosul, formado por Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina, e ao processo de crescimento econômico brasileiro em meio a um cenário de projeção da crise mundial (CARVALHO, 2017, p. 554).

As relações entre o Brasil os países de língua espanhola tanto da América do Sul quanto os integrantes do Mercosul ratificam a importância da difusão do ensino dessa língua no país. Neste contexto, o ensino de espanhol contribui ao processo educacional dos alunos, sendo um fator de inclusão social, com mais oportunidades culturais no mercado de trabalho haja vista a quantidade de empresas hispânicas estabelecidas no território nacional. Isso implica diretamente na sua oferta nos currículos escolares e na capacitação dos alunos para o mercado de trabalho. Entretanto, como relatado por Andrea Ponte:

De um modo geral, é possível afirmar que o clima era esperançoso: boas coisas poderiam acontecer a partir daquele ato. Afinal, ao longo da década de 90 o espanhol vinha, pouco a pouco, ganhando espaço em escolas da rede particular, a elaboração e publicação de livros didáticos de espanhol como língua estrangeira direcionados para a educação básica ganhava força nas editoras brasileiras, crescia a procura pelo espanhol nos cursos livres de idiomas, aumentava o número de cursos de licenciatura nos âmbitos público e privado. A lei traria – era o que muitos pensavam então – garantia de emprego e boa formação para os profissionais da área, promoveria uma maior integração com nossos vizinhos americanos e, para futuros profissionais de diferentes áreas, uma posição mais destacada no mundo dos negócios: nesse momento já se alardeava a importância do espanhol como segunda língua internacional, com muitos milhões de falantes, etc., etc., etc. E foi justamente nessa longa lista de etc., etc., etc., que olhares mais atentos puderam vislumbrar que a Lei 11.161 e a realidade que ela nos proporcionaria não era assim tão ideal (PONTE, 2016, p. 15).

Em 2016 iniciou o processo de revogação da Lei nº. 11.161/2005 com a medida provisória nº 746, de 2016⁴, dentre outras medidas, tornou obrigatório o ensino da língua inglesa a partir do sexto ano do ensino fundamental e nos currículos do ensino médio, facultando neste, o oferecimento de outros idiomas, preferencialmente o espanhol. Tal medida foi efetivada pelo Presidente Temer sendo convertida na Lei 13.415 de 2017:

Art. 3º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 35-A:

"Art. 35-A. A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

- I - linguagens e suas tecnologias;
- II - matemática e suas tecnologias;
- III - ciências da natureza e suas tecnologias;
- IV - ciências humanas e sociais aplicadas.
- (...)

§ 4º Os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino⁵. [grifo]

Essa revogação, afeta diretamente os professores de espanhol e os acadêmicos em formação nas instituições de ensino superior públicas e particulares, uma vez que foi abolida a obrigatoriedade do ensino da língua no currículo. Essa preocupação exige que se pense na qualidade desse ensino. De certo, este cenário conflituoso que se encontra a formação e a atuação do professor de espanhol, “para transformar nossa realidade em contexto educacional precisamos ser professores que amam o que fazem e buscam fazê-

⁴ Tal medida instaurou “uma nova reformulação da composição curricular e da organização do Ensino Médio Nacional, transformando-se, posteriormente, com aprovação no Congresso Nacional, em Lei 13415/17 que desconsidera uma série políticas educacionais vigentes até o momento. (...) inclusive, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC”. SILVA, M. V. A. (Des) **política linguística no Brasil**: a reforma do ensino médio e a exclusão do ensino de língua espanhola na educação básica. Revista Diálogos (RevDia). v. 6, n. 2, maio-ago.2018. p. 08-10.

⁵ Disponível em:< <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13415-16-fevereiro-2017-784336-publicacaooriginal-152003-pl.html>> Acesso em: 15 de fev. de 2019.

lo de maneira singular, porque acreditam em um futuro melhor (...)” (França, 2017, p. 38).

2.3 A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA

A relação do ser humano com o conhecimento vem se modificando substancialmente e com tal dinamismo que não pode ser ignorada pela escola, por essa razão, tornou se objeto de estudo de educadores comprometidos com a formação das novas gerações. É o que afirma Piaget (1982, p. 245), quando diz:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo a que elas se propõem. PIAGET (1982, p. 245).

Para encontrar tal caminho, é necessário que o indivíduo desenvolva nova consciência acerca de si mesmo e do mundo, processo no qual a educação tem um papel central. Toda ação educativa decorre de concepções ou não, de quem as desenvolve. Isso se confirma com o educador Paulo Freire, “a educação, qualquer que seja ela, é sempre uma teoria do conhecimento posta e em pratica”. (Freire 2003, p. 40).

A música há muito tempo vem desempenhando um importante papel na vida do ser humano e nas diferentes sociedades e culturas ao longo da história. Ela tem estado presente em diversos âmbitos: religioso, moral, cultural e social. E, como tal, tem contribuído significativamente para a aquisição de hábitos, valores, atitudes, comportamentos, entre outros aspectos.

Por ser considerada uma prática cultural e humana, sua origem tem sido considerada fruto da observação dos sons da natureza. Devido a sua abrangência de sentidos, é complexo defini-la por conta do importante significado na história da humanidade. E, por isso, concorda-se com Becker (2006) ao afirmar que:

A música é também uma forma de apropriação individual dos elementos formais que pertencem ao consciente e ao emocional, influenciados pelo conjunto das manifestações culturais. Desta diversidade de práticas se conclui, sobretudo, que a música não pode ter uma só definição precisa que abranja todos os seus tipos, todos os seus gêneros. Mesmo porque, o conceito de música varia de cultura para cultura. Embora a linguagem verbal seja um meio de comunicação e de relacionamento entre povos, constatamos que ela não é universal, pois cada povo tem sua própria maneira de expressão através da palavra, motivo pelo qual há milhares de línguas espalhadas pelo globo terrestre. BECKER (2006, p. 06).

Por conta disso, vários são os seus significados, pois ela é afetada ao longo dos anos por fatores externos diversos, como é o caso, por exemplo, da cultura de cada povo, as mudanças sociais e eclesiásticas, o que lhe confere o fato de não ter uma única definição. Deste modo, desde que se tem conhecimento, a música tem sido utilizada como um dos principais recursos disponíveis seja para a escolarização do indivíduo, seja para vida em sociedade. Mesmo porque, onde quer que formos, a música está presente ao nosso redor. Numa perspectiva de cidadania planetária no contexto de mundo globalizado.

Na Grécia Antiga, por exemplo, a música era vista como uma arte, uma maneira de ser e de pensar o mundo. Logo na infância a música era compreendida como algo capaz de educar, civilizar, e, por conta disso, na escola, ela era uma disciplina obrigatória, pois:

Na visão dos gregos, a educação possuía uma função mais espiritual do que material. Seu principal objetivo era a formação do caráter do sujeito e não apenas a aquisição de conhecimentos. Por isso, buscavam uma educação plena, vinda de dentro do aluno e baseada não apenas nos livros, mas na experiência de vida de cada pessoa. Nessa perspectiva, a educação se constituía no estudo da ginástica e da música. Pela música e pela ginástica, buscava-se o equilíbrio entre a mente e o corpo, buscava-se um universo equilibrado – “ginástica para o corpo, música para a alma”. Proporcionando, uma e outra, a purificação da alma (mente) e do corpo, essas disciplinas assumem, nesse quadro, o caráter fundamental na formação daqueles que seriam os “guardiões” do conhecimento (LOUREIRO; 2003, p. 34).

Pode-se observar que desde a Grécia Antiga, em virtude de a educação possuir uma função mais espiritual, pois visava à formação do caráter do indivíduo, a música era parte constituinte do estudo do aluno e assumia caráter fundamental. Talvez seja por isso que com o passar dos anos ela tenha se expandido e passado a incorporar outras áreas como a poesia e as letras.

Assim, desde os primórdios da história, a música vem ganhando destaque nos mais variados momentos vivenciados pela humanidade, pois era considerada como “fonte de sabedoria, indispensável à educação do homem livre”. (Medeiros, 2011, p. 08). Atualmente, a música, principalmente no espaço escolar, perdeu boa parte da sua importância, apesar de Moleiro (2011) enfatizar que ela não é nenhuma inovação neste ambiente, pois desde o século XVI, já era utilizada como atrativo junto aos alunos visando os ideais de catequização funcionando como veículo de aprendizagem.

O que se observa hoje em dia é que a grande maioria dos professores não utiliza a música da forma como deveriam, com uma finalidade educativa. Geralmente ela é usada apenas para passar o tempo, como pano de fundo de alguma atividade recreativa durante as brincadeiras nas aulas de Educação Física e Artes.

Contudo, acredita-se que, apesar da música ter perdido parte de sua importância no ambiente escolar, vários são os motivos que justificam a sua utilização como estratégia pedagógica na sala de aula independentemente de qual seja a área do conhecimento no qual ela venha ser contemplada, pois, como afirma Becker (2006, p. 06):

É necessário ampliar o universo de conhecimento dos estudantes, e as muitas possibilidades de aprender. Para tanto, a escola é o local possível para este aprendizado, tornando necessário promover a convivência humana e a prática escolar voltada para o crescimento de todos. Assim o uso da música em sala de aula tem permitido ampliar o horizonte de estudantes, garantindo um aprendizado mais criativo e duradouro ajudando o estudante e o educador nesta difícil caminhada do saber, pois, melhor que reprimir, é conhecer, informar, instruir e educar.(BECKER 2006, p. 06).

No entanto, muitos professores ainda não sabem como utilizar adequadamente este recurso. Geralmente quando o fazem, seu uso restringe-se apenas à reprodução mecânica e descontextualizada, sem uma efetiva finalidade educativa.

Longe de um ensino descontextualizado, a utilização da música como estratégia pedagógica na sala de aula é justificada principalmente por possibilitar aos alunos, independentemente de aptidões musicais ou instrumentais, o contato, vivência e apreensão da linguagem musical. Para tanto, “propõem-se a inclusão da música como estratégia pedagógica tendo em vista propiciar a ativação da capacidade individual, cultural e social do aluno” (BECKER, 2006, p. 10).

Por isso a necessidade de se realizar uma análise sobre a importância do trabalho com a música na escola, e, mais especificamente na sala de aula, seja com relação ao ensino de diferentes conteúdos, seja no que diz respeito ao ensino de uma única disciplina, como é o caso, por exemplo, do ensino de Língua Espanhola, pois conforme afirma Loureiro (2003, p. 21) “a música exerce importante influência no desenvolvimento do aluno e, como tal, tem um valor significativo na educação escolar”.

No entanto, para que a utilização da música em sala de aula de fato venha se tornar uma estratégia pedagógica faz-se necessário que ela seja muito bem planejada, com uma finalidade educativa, com propósitos educacionais condizentes com os conteúdos previstos, haja vista que:

Para a utilização da música em sala de aula, há a necessidade de se planejar levando em conta o conteúdo, os objetivos, critérios e habilidades que se pretende desenvolver. Em seguida, devem ser elaborados ou selecionados textos, músicas, atividades que propiciem alcançar o que foi anteriormente proposto. Além disso, para a realização dessa tarefa devem ser considerados a série/ano, faixa etária, habilidades, dificuldades, o desenvolvimento e a aprendizagem de cada um. Outros fatores também precisam ser considerados em todo o processo: por exemplo, o contexto escolhido está de acordo com a realidade vivenciada pelo aluno, que benefícios serão propiciados à aprendizagem do aluno, entre outros aspectos de igual importância (DECKERT, 2012, p. 07).

Como se pode verificar, a utilização da música ou de qualquer outro recurso não pode acontecer sem uma finalidade educativa, muito menos sem ser levado em conta às inúmeras variáveis que giram em torno desta questão como, por exemplo, qual seria a sua importância para a aprendizagem e desenvolvimento escolar do aluno?

Sendo assim, a utilização da música, por se apresentar como uma ferramenta metodológica em sala de aula tem sido bastante sugerida pelos teóricos que tratam desta temática, em virtude de “tornar mais fácil o aprendizado, tendo em vista seu enorme potencial didático, ou seja, um elemento extremamente rico que pode ser aproveitado no ensino de qualquer disciplina ou conteúdo”. (MOLEIRO, 2011, p. 09).

Isto é possível porque se analisarmos o nosso cotidiano tem-se a oportunidade de verificar que o mundo em si não vive sem a música. Contudo, na escola, diferentemente do cotidiano social, trabalhar com a música vai além das atividades realizadas como

música de fundo para o desenvolvimento de outras atividades escolares ou daquelas cantadas no início da aula como momento de descontração. De acordo com Medeiros (2011, p. 25), a utilização da música em sala de aula só se torna uma ferramenta pedagógica se:

Contribuir para a aprendizagem, desenvolvimento e formação do aluno. Portanto, tanto pode ser utilizada com o intuito de fazer a criança brincar e se divertir, quanto como instrumento metodológico na medida em que sonda, por exemplo, os conteúdos trabalhados em sala de aula, introduzem novos conceitos e significados. (MEDEIROS 2011, p. 25)

Talvez seja por isso que se acredita que por meio da utilização da música no ensino dos conteúdos e disciplinas o aluno tem a oportunidade de direcionar melhor seus esquemas mentais para a realidade que o cerca, aprendendo-a e assimilando-a mais significativamente, tornando-lhe possível expressar, assimilar e construir a realidade a sua volta. O ensino de língua estrangeira prioriza, ainda, a abordagem de temas transversais, o que permite o desenvolvimento da consciência crítica do educando na sociedade em que vive.

Isto é possível porque a música pode ser associada ao trabalho de qualquer área do conhecimento, uma vez que se apresenta como um “recurso prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o sujeito de forma intensa e total, além de criar um clima de entusiasmo por conta das experiências vivenciadas”. (Loureiro, 2003, p. 21).

Assim, por ser uma forma de expressão de identidade cultural capaz de unir as pessoas das mais diferentes nacionalidades e culturas, despertando sensações, sentimentos, pensamentos e conhecimentos, a música tem uma importante finalidade educativa e engloba os processos de ensinar e aprender:

Ela auxilia na promoção de novos conhecimentos em virtude da vasta amplitude de atividades a ela relacionadas, com importantes contribuições tanto à aprendizagem quanto ao desenvolvimento integral do aluno, pois propicia a aquisição de valores e de competências necessárias à integração da sociedade, como pessoa, cidadão consciente na sua forma ética, autônoma e criativa. A inclusão da música como ferramenta e estratégia pedagógica em sala de aula, mostrará as ideologias contidas em melodias, textos e na sociedade ao qual o jovem está inserido, ativando sua memória e inteligência, melhorando sua sensibilidade,

concentração e raciocínio matemático, pois a música estimula áreas do cérebro pouco desenvolvidas por outras linguagens (MEDEIROS, 2011, p. 26).

No entanto, uma única questão deve ser observada. Refere-se à necessidade que se tem de construir um planejamento que atenda os objetivos, os conteúdos e os critérios de avaliação em sua plenitude, para que de fato haja uma finalidade educativa a ser cumprida. Isto deve ser considerado porque não deve ser a música pela música, apenas como motivo de diversão e lazer. Mas, tudo tem que ser pensado ou repensado em favor da aprendizagem dos alunos com vistas a propiciar a ligação entre a teoria aprendida em sala de aula e a prática vivenciada por meio das atividades que são desenvolvidas no ambiente escolar.

Como se pode perceber, a música pode ser utilizada como estratégia pedagógica na sala de aula, pois se apresenta como recurso didático facilitador da aprendizagem de conteúdos diversos, independente de qual seja o componente curricular, a série, o nível ou a modalidade de ensino na qual é inserida. Assim, para compreendermos melhor este assunto, no capítulo a seguir será apresentado, mesmo que de forma breve, a importância da música na prática educativa no cotidiano e no currículo escolar de Língua Espanhola.

2.4 A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA PRÁTICA EDUCATIVA NO COTIDIANO E NO CURRÍCULO ESCOLAR DE LÍNGUA ESPANHOLA

Viu-se no capítulo anterior que a música se constitui como estratégia pedagógica, independentemente de qual seja a área do conhecimento no qual ela é utilizada como possibilidade de aprendizagem, pois contribui significativamente para a formação integral dos alunos melhorando a sensibilidade, a capacidade de concentração, atenção, memória, coordenação motora, entre outros aspectos de igual importância.

Nesta perspectiva de análise, é importante evidenciar que a música no ensino de Língua Espanhola representa um recurso didático, pedagógico e metodológico, facilitador da aprendizagem. Deste modo, trabalhá-la em sala de aula, por meio do planejamento escolar, representa uma ferramenta a mais para se garantir a aprendizagem

e o interesse dos alunos, e, como tal, deve fazer parte da cultura e do currículo escolar previsto para o ensino de Língua Espanhola.

Assim, partindo-se deste pressuposto, Loewenstein (2012) afirma: que a utilização da música no ensino de Língua Espanhola na escola é importante porque permite ao aluno atingir um nível de competência linguística capaz de possibilitar o acesso a informações de vários tipos, ao mesmo tempo em que contribui para a sua formação geral.

Por isso, a música é considerada uma estratégia metodológica a ser adotada pelo professor visando à melhoria da qualidade do ensino ministrado e o sucesso da aprendizagem dos educandos. Por ter um grande potencial didático, sua utilização tem sido bastante recomendada dada a sua importância no processo de ensino-aprendizagem. Deste modo, considerando a importância do trabalho com a música no ensino de Língua Espanhola na prática educativa no cotidiano e no currículo escolar, concorda-se que:

O uso das músicas além de facilitadoras do conhecimento e aprendizagem, as mesmas tornam a aula mais interessante, capaz de prender mais a atenção dos educandos tornando o ambiente mais harmonioso e o aprendizado contagiante, cujos pensamentos se voltam para o que está acontecendo no momento. Através das canções os alunos aprendem algo que ficará gravado em suas memórias. No caso das aulas de LE, a música tem ainda a vantagem de ser um importante elemento cultural e, consequentemente, uma ótima oportunidade para estabelecer um paralelo entre cultura e o ensino de idiomas (SILVA, 2013, p. 10).

Logo, a música se torna atrativa nas aulas de Língua Espanhola. Entretanto, faz-se necessário que o professor saiba como utilizar este recurso em sua prática educativa no cotidiano escolar. Deste modo, na hora de escolher a música ele deve ter em mente qual será a finalidade educativa para que assim atinja os objetivos educacionais propostos.

Para isso, o professor deste componente curricular deve levar em conta que o próprio currículo prevê que o seu ensino “nas escolas públicas possibilita o acesso às novas culturas; a circulação de informação e do conhecimento; à interação na sociedade e a participação na produção da linguagem dessa sociedade” (SCHULZ *et al.*, 2010, p. 01), pois entende-se que faz parte dos objetivos previstos para o ensino desta disciplina, entre outros aspectos, propiciar ao aluno a utilização das diferentes linguagens existentes, dentre as quais pode ser destacado a musicalidade, com o intuito de produzir,

expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais do idioma aprendido, independentemente de qual seja o contexto, com vistas ao atendimento de diferentes intenções e situações de comunicação.

Outro fator importante a ser destacado, diz respeito ao fato de que a própria música em si, veicula, “frequentemente, situações do cotidiano, que servem também de excelente trampolim para introduzir outras atividades e temas para o debate na aula que fomentam, de forma direta ou indireta, o uso da língua em aquisição” (Moleiro, 2011, p. 28).

Contribui para isto a variedade de músicas existentes em Espanhol que estão à disposição do professor para serem utilizadas de acordo com o seu interesse, os objetivos da aula, o conteúdo, o gosto dos alunos, dentre outros aspectos de igual importância que devem ser considerados no planejamento da prática educativa.

De acordo com Brasil (1998, p. 15), o currículo de Língua Estrangeira ao contemplar o ensino de idiomas baseado na utilização da música como estratégia pedagógica, o faz levando em conta que:

A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a autopercepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. Para que isso seja possível, é fundamental que o ensino de Língua Estrangeira seja balizado pela função social desse conhecimento na sociedade brasileira. Tal função está, principalmente, relacionada ao uso que se faz de Língua Estrangeira via leitura, embora se possa também considerar outras habilidades comunicativas em função da especificidade de algumas línguas estrangeiras e das condições existentes no contexto escolar. Além disso, em uma política de pluralismo linguístico, condições pragmáticas apontam a necessidade de considerar três fatores para orientar a inclusão de uma determinada língua estrangeira no currículo: fatores relativos à história, às comunidades locais e à tradição. (BRASIL, 1998, p. 15).

Isto nos propicia perceber que o ensino de Língua Espanhola, enquanto Língua Estrangeira prevista no currículo escolar, não acontece por acaso, muito menos a sua aprendizagem se utiliza de mecanismos sem que haja uma finalidade educativa, mesmo porque a aprendizagem deste componente curricular é uma boa oportunidade para que o aluno possa forma-se integralmente e exercer plenamente a sua cidadania.

Por esse motivo, a utilização da música no ensino de Língua Espanhola é prevista no currículo escolar tendo em vista este componente centrar-se no engajamento discursivo do aluno nas mais diferentes situações de comunicação, pois este é um direito do cidadão.

Haja que, o ensino de Língua Espanhola, tal como está previsto no currículo escolar, “deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso” (Schulz *et al.*, 2010, p. 01), situação está que pode ser viabilizada em sala de aula por meio da utilização da música em virtude de seu grande potencial didático.

Com base nisso, propõe-se que a utilização da música como estratégia metodológica no ensino de Língua Espanhola aconteça levando em conta os conteúdos, objetivos e habilidades previstas pelo currículo desta disciplina na escola.

Neste caso, a música será utilizada tendo em vista constituir-se em material autêntico, rico, dialógico e flexível no qual se trabalham exemplos reais do uso da língua e de seu vínculo com a cultura, pois como afirma Loewenstein (2012, p. 11):

Nessas situações são desenvolvidos diálogos, conhecimentos culturais, conhecimento de competências comunicativas; conhecimentos linguísticos e ampliação de vocabulário. Pois, ao ouvir canções o aluno desenvolve o conhecimento de novas palavras, ampliando seu vocabulário, para que sejam usadas nos diálogos, ou em situações diárias, conhecendo também a cultura daquele país, representado na música por meio do cantor, além disso há o conhecimento da pronúncia das palavras de acordo com os diferentes traços de cada região. Deste modo, é de suma importância inovações pedagógicas no ensino do espanhol (...). Esta é uma ótima possibilidade para que o professor possa convidar o aluno para contribuir com as atividades e não somente repetir e memorizar, dando a oportunidade de desenvolver diálogos utilizando, a música como instrumento para aguçar as motivações em aprender outra língua. (LOEWENSTEIN 2012, p. 11).

A proposta é fazer com que os alunos sejam capazes de se comunicarem no idioma aprendido. Para tanto, a utilização de músicas diversas se apresenta como importante recurso neste sentido, pois tem a oportunidade de aprender novas palavras, ampliar seu vocabulário, de melhorar a escrita, a leitura e a interpretação textual, bem como

conhecer, também a cultura da língua aprendida, de melhorar a pronúncia, de adquirir as competências linguísticas necessárias ao domínio deste idioma.

É por isso que se defende que a utilização da música no ensino de Língua Espanhola não pode ser como mero divertimento. Ao contrário disso, deve ser muito bem planejado para que tanto os objetivos propostos sejam alcançados, quanto o conteúdo previsto para aquela ação seja assimilado pelos alunos de modo a favorecer a aprendizagem.

Neste sentido, a utilização de músicas no ensino de Língua Espanhola para o trabalho dos conteúdos previstos no currículo escolar é aconselhada porque permite que “os alunos aprendam mais facilmente. Afinal, as canções ficam em suas mentes e tornam parte cotidiana de sua vida” (Lima; Mello, 2013, p. 97).

Outro fator preponderante neste contexto é que muito contribui para a aprendizagem dos alunos e para o ensino de Língua Espanhola diz respeito ao fato de haver uma considerável semelhança com a Língua Portuguesa, o que acaba tornando mais fácil o processo de ensino-aprendizagem. Logo, a utilização da música age como um mecanismo didático e pedagógico que oportuniza situações reais de aprendizagem. Daí a importância de se utilizar a música no ensino de Língua Espanhola no cotidiano escolar.

Assim, concorda-se com Loewenstein (2012, p. 11) ao afirmar que a utilização da música para o ensino dos conteúdos previstos no currículo escolar de Língua Espanhola se dá em virtude de que:

Além de ser prazerosa contribui para construir conhecimentos, sociais e emocionais, servindo como estímulo à aprendizagem. O uso de canções tem um valor acrescido se considerarmos que entram em jogo as emoções, os sentimentos e as sensações de cada indivíduo, o que favorece a discussão e a comunicação. E, sentir que a aprendizagem das línguas pode ser algo vivo e relacionado com o mundo real encaminha os alunos para a ideia de que se aprende uma LE para comunicar, expressar sentimentos, desejos, conhecer outras culturas, em suma, para interagir com outros mundos. E, portanto, uma das formas de motivação para o ensino de línguas é o uso da música em sala de aula, visto que a música desempenha papel fundamental na integração linguística entre diferentes povos e diferentes culturas. Não existem regras ou estereótipos em torno da música; as pessoas simplesmente cantam, se divertem e interagem umas com as outras motivadas pela melodia de uma canção. Nessa interação, decoram estrofes inteiras ou estribilhos de canções escritas em línguas diferentes de sua língua materna; com isto, conhecem palavras, formam frases, compõem versos e, por fim, sob o estímulo e a orientação, apreendem a estrutura linguística dessa língua não materna. (LOEWENSTEIN 2012, p. 11)

Isto vem apenas reafirmar que tendo a música como estratégia metodológica para o ensino de Língua Espanhola é possível tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso, tanto para o professor que media o conhecimento dos conteúdos curriculares quanto para o aluno que aprende este idioma.

Não restam dúvidas, portanto, de que a utilização da música na prática educativa do professor de Língua Espanhola é importante por diversos motivos. Seu uso propicia uma nova perspectiva ao ensino deste componente curricular, bem como motiva o aluno a aprender de modo mais prazeroso e dinâmico.

É com base em todas as considerações até aqui realizadas que se propõe que o professor de Língua Espanhola insira em sua prática educativa esta ferramenta de trabalho e tantas outras que forem possíveis para que deste modo, a aprendizagem deste idioma aconteça de modo mais significativo na escola, pois “a música auxilia motivando os alunos a conhecer a língua e a escrita com num contexto real” (Lima; Mello, 2013, p. 97).

Neste contexto, para que se compreenda melhor sobre a importância da música na prática educativa no cotidiano e no currículo escolar de Língua Espanhola, no capítulo a seguir, será abordado sobre os benefícios propiciados pela música à aprendizagem dos alunos no ensino de Língua Espanhola, tendo em vista se compreender que quando a utilização deste recurso pedagógico na aula é planejada, possibilita ao professor contribuir para que os alunos construam conhecimentos de forma mais significativa, estabelecendo relações entre o que foi proposto e sua realidade sociocultural e histórica.

2.5 O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR

O ser humano durante todo o seu desenvolvimento cognitivo aprimora a cada dia saberes, técnicas e sensações essenciais para sua vida, constrói todo seu conhecimento a partir de suas experiências pessoais. Portanto, é no aprimorar o conhecimento que o professor e uma boa prática pedagógica se faz necessária.

Ferraz e Fusari (2009, p. 49) afirmam que “no encontro que se faz entre cultura e criança situa-se o professor cujo trabalho educativo será o de intermediar os conhecimentos existentes e oferecer condições para novos estudos”. O papel do professor é o de mediador de conhecimentos, este é responsável por apresentar novos saberes baseado no conhecimento prévio dos alunos.

De acordo com o Dicionário Aurélio (p.320, 2016), mediação significa “intervir acerca de”, que é uma ação de servir como intermediário entre duas pessoas, ou seja, entre o docente e o discente. Neste sentido, mediação no processo de ensino-aprendizagem, se refere ao relacionamento pedagógico entre o professor e o aluno, que juntos buscam a aprendizagem significativa, por meio de diversos recursos didáticos. Sendo assim, a mediação é uma ferramenta que o professor usa para solucionar conflitos por meio de ações pedagógicas.

Segundo Pereira, Lucena (2017), a mediação necessita que ambas as partes, docente e discente, dialoguem em relação às práticas utilizadas, para que haja de fato uma construção significativa no processo de ensino-aprendizagem. O docente precisa atuar de maneira clara e objetiva, de forma que se faça entender o que se quer em relação à construção desse aprendizado direcionado ao discente.

Entende-se com isso, que para mediar, o docente precisa conhecer e utilizar de forma adequada, todas as ferramentas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem, entretanto, é necessário também interesse por parte do discente nesta ligação e compromisso com a aprendizagem.

Na concepção de Coletto (2010) o ser humano adquire conhecimento por intermédio do professor e pelo meio ao qual ela vive. O professor deve possibilitar situações que leve a criança a ampliar e enriquecer seu aspecto cognitivo de uma maneira prazerosa e lúdica. E para Pereira, Lucena (2017, p. 382), “quando o indivíduo consegue aplicar à sua vida cotidiana ao conhecimento construído na escola, podemos dizer que houve um aprendizado significativo, onde a mediação do docente foi imprescindível”.

Outra competência primordial do docente é o saber ensinar, pois segundo Antunes (2008, p. 30), “ensinar quer dizer ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma realidade, capacitando-o para construir os significados atribuídos a essa realidade e a essa relação”.

Entendemos com isso, que ensinar é ajudar o aluno a compreender uma informação nova e significativa, relacionando-a com a realidade de maneira a atribuir significados.

Antunes (2008, p. 30) segue afirmando que “ensinar é diferente de instruir, pois instruir significa apenas dar informações sobre algo ou do que se deve fazer, por exemplo uma receita, um manual de instrução entre outros”. Assim, ensinar é capacitar o educando a utilizar suas habilidades em sua vida fora de sala, é capacitar para a vida, tornando-o um cidadão crítico, reflexivo e atuante na sociedade.

É importante destacar que o docente precisa ter em mente seus objetivos para saber o que ser comunicar numa determinada aula, pois agindo assim, ele passará informações exatas aos discentes, que por sua vez entenderão a informação pretendida e passarão de forma significativa a aplicar fora do contexto escolar.

Outro ponto importante na mediação docente é comunicação, uma ferramenta que deve ser estimulada todo o tempo entre o professor-aluno. Antunes (2008) afirma que não existe possibilidade de retermos uma aprendizagem se não falamos, tanto conosco mesmos como com os colegas, discutindo, debatendo, interrogando, sugerindo, analisando, propondo. A comunicação, neste sentido, é imprescindível para que a mediação ocorra de forma efetiva.

De maneira geral, o professor precisa estar comprometido com a aprendizagem e com aluno, utilizando-se de estratégias e metodologias de maneira a envolver o discente, levando-o a ser tornar participativo, interessado e comprometido com a aprendizagem. Baseado nisto, Perrenoud (2000, p. 70) sugere que o educador passe a “criar, intensificar e diversificar o desejo de aprender; favorecer ou reforçar a decisão de aprender”.

1.6 OS BENEFÍCIOS PROPICIADOS PELA UTILIZAÇÃO DA MÚSICA PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA

Observamos que a musicalidade se faz presente nas aulas de língua estrangeira, dentro do ambiente escolar, numa proposta educacional organizada numa matriz curricular, fazendo parte das áreas de conhecimento constituídas sendo um dos

componentes curriculares em seus respectivos referenciais, visando o desenvolvimento da autonomia cognitiva e moral, socioemocional, respeito à diversidade e socioculturais.

A música utilizada na prática pedagógica como ferramenta metodológica, traz benefícios imensuráveis aos alunos num processo de sucessivas mudanças quantitativas e qualitativas numa perspectiva espiral na construção de conhecimentos na língua espanhola com os conteúdos de conhecimento linguísticos (elementos gramaticais/ortografia), oralidade (expressão oral), leitura (gêneros textuais) e escrita (produção textual).

Ingressa nesse capítulo a importância da música para promoção da aprendizagem em cada série/ano da escolaridade no ensino fundamental II, ao desenvolvimento dos educandos, tais como, enriquecimento de personalidade, amplia sua capacidade de explorar o pensamento e competências linguísticas e refletem sobre produções de escritas, logicamente encadeadas entre si, permeados por diálogo sequencial e transversal.

A música, por sua vez, tem como princípios fundamentais o fruir, o refletir e o fazer música, por meio de atividades de práticas musicais sensoriais, analíticas e de composição, com vistas ao desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico, da criatividade e da compreensão musical do educando.

No percurso rompem-se com a visão linear/sequencial decorrente da concepção de aprendizagem como um movimento espiral/cíclica com abordagem processual. A análise se faz interessante porque, baseada no proposto por Becker (2006, p. 20), afirma-se que a utilização da música no ensino de Língua Espanhola é importante, pois:

Traz benefícios ao raciocínio matemático, a escrita e a fala. Ela estimula o lobo temporal no cérebro e faz com que os circuitos estabelecidos com o córtex pré-frontal – região que canaliza a informação – sejam mais consistentes. Contribui, também, para a formação do indivíduo como um todo, onde ele entrará em contato com o mundo letrado e lúdico, envolvendo áreas do conhecimento, criando, aprendendo e expondo suas potencialidades, pois eles vêm para a escola esperando aprender aquilo que a cultura e a condição de vida não conseguem ensinar-lhes: compreender o mundo, a natureza e as pessoas e a relação entre elas, dominar as mais variadas linguagens para comunicar-se, lidar de modo competente com as dimensões quantitativas da vida. Além disso, ela pode ajudar ao aluno a perceber seus próprios sentimentos e organizar seu pensamento, buscando compreender as formas de melhor se expressar, pois é também através do corpo que as pessoas agem sobre o meio para alcançar objetivos desejados ou satisfazer suas necessidades. (BECKER, 2006, p. 20).

Podemos afirmar que inúmeros são os benefícios propiciados pela utilização planejada, sistematizada e contextualizada da música na sala de aula, conforme suas especificidades, define-se organização didática e expectativa de aprendizagem e, mais especificamente no ensino de Língua Espanhola, pois se apresenta como um recurso didático privilegiado e de fundamental importância, haja vista ampliar as chances do processo de ensino-aprendizagem ter mais sentido e/ou significado e tornar-se mais prazeroso, motivador e estimulante para o educando.

Neste contexto, Betti, Silva e Almeida (2014, p. 96) afirmam que, a música quando utilizada no ensino de Língua Espanhola, deve ser feita “como possibilidade de aprendizagem, motivação, trazendo o estudante para seu cotidiano escolar, explorando toda a estrutura física, tecnológica que a música pode oferecer”. Sendo assim, tem o intuito de possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento de modo mais prazeroso e dinâmico, pois constitui-se forte aliada para desenvolver e fixar conceitos e conteúdos.

A preposição da utilização da música no ensino de Língua Espanhola baseia-se no pressuposto de que:

A música é uma ferramenta essencial para o ensino de Língua Espanhola, em especial, aquela de origem espanhola, pois, se torna importante esse aprendizado e ainda as redes sociais que fazem com que os alunos interajam com pessoas de outros países. O intuito é levar o aluno à comunicação de maneira adequada em diferentes situações da vida cotidiana. Em se tratando do ensino de Espanhol, sua utilização é importante porque contribuirá para ampliar a visão de mundo dos alunos, desenvolvendo a compreensão de textos com uma língua próxima ao português, a qual oportuniza o acesso a vários conhecimentos de uma determinada cultura (SANTANA; SANTOS, 2013, p. 02).

Nesse sentido, o autor cita que a música influencia o comportamento humano, onde a interação entre alunos conectados pelas redes sociais, promove a integração de vivências e experiências, contribuirá para compreensão da oralidade, dos conhecimentos linguísticos e a escrita, numa educação sem fronteiras culturais.

Cabe ao educador, como gestor e mediador de sala de aula, utilizar ações mobilizadoras para que a aprendizagem ocorra, considerando a perspectiva de continuidade e ruptura em face aos conhecimentos que educando tem. Evidenciasse a

utilização da música no ensino de língua e espanhola uma forma criativa e eficaz no espaço escolar, tornando os conteúdos significativos e proporcionando diálogo entre o professor/aluno, o processo de aprendizagem pressupõe a relação entre conhecimento preexistente e conhecimentos novos, adquiridos e ampliados na escola e nas relações sociais.

Tendo em vista, a integração do discente no mundo plurilíngue em que está inserido, o ensino de língua estrangeira no idioma espanhol visa interação e a representação de situações orais efetivas, ao acesso a diferentes gêneros textuais, assim como as habilidades socioculturais envolvidas na aprendizagem de uma língua estrangeira, tendo como finalidade primeira o conhecimento para o uso. Com base nisso, Silva (2013, p. 07) aborda que são benefícios propiciados pela utilização da música no ensino de Língua Espanhola, dentre outros aspectos:

- Ajuda na aprendizagem, desenvolvendo habilidades e sensibilidade;
- Desperta um maior interesse por parte dos estudantes;
- Auxilia o educador na definição de alguns conteúdos, mas a maneira de como expor este artifício em sala de aula deve ser bem planejado;
- Propiciam ao estudante uma porta onde ele pode colocar todo o seu potencial, despertando a curiosidade, o desejo de querer mais, de refletir;
- Estimula as habilidades dos estudantes de maneira a se tornarem capazes e seguros em suas realizações;
- Contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno, exercendo grande influência na formação do indivíduo, pois sempre está associada à cultura e as tradições de um povo e de sua época;
- Potencializa a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória e outras habilidades, além de contribuir de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem;
- Desenvolve no aluno a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética;
- Proporciona contatos com outras culturas e momentos alegres e prazerosos, nos quais transforma o espaço escolar em um ambiente adequado à aprendizagem;
- Estimula nos alunos o ritmo e a coordenação motora, favorecendo sua autonomia e interação com o grupo;
- Desenvolve a comunicação, a leitura, a escrita e ajuda na aquisição de competências linguísticas necessárias à aprendizagem de uma Língua Estrangeira.

Pode-se perceber que é bastante amplo o alcance dos benefícios propiciados pela utilização da música, seja de modo geral, no âmbito das diferentes áreas do conhecimento, seja de modo específico ao ensino de Língua Espanhola, e, portanto, é importante frisar que, toda esta prática didático-pedagógica deve ser incluída no planejamento do professor em virtude de visar à dinamização das aulas, bem como o ensino, haja vista tornarem o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico, criativo e motivador.

Neste sentido, a utilização da música, enquanto metodologia diferenciada no ensino de Língua Espanhola é importante porque “ajuda a despertar o interesse dos educandos e possibilita uma maior aprendizagem” (Souza; Fonseca; Silva, 2007, p. 01), contribuindo assim, significativamente para o desenvolvimento das faculdades intelectuais, emocionais, físicas e sociais desses sujeitos.

Logo, são diversas as atividades que podem ser desenvolvidas na sala de aula com os alunos no ensino de Língua Espanhola com a finalidade de tornar a aprendizagem deste idioma dinâmico, fácil e inovador, pois configura-se num ótimo recurso didático-pedagógico para ampliar o conhecimento dos educandos. Contudo, é de essencial importância a utilização da música no ensino de Língua Espanhola, seja por conta dos benefícios propiciados, seja em virtude de tornar a prática educativa mais dinâmica e inovadora, pois como destaca Silva (2013, p. 07):

Quando trabalhada de forma adequada, torna-se uma valiosa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. Com isso percebemos que a música, como recurso didático, propicia a aprendizagem aos alunos de E/LE, tornando-se um meio facilitador no processo de ensino de diversos conteúdos, funcionando, assim, como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem do espanhol. No entanto, deve-se atentar para o fato de que, a música não pode ser empregada no ensino de uma segunda língua sem ser trabalhada em sua totalidade ou utilizada apenas como um mero pretexto para a ampliação do repertório vocabular do aluno, por exemplo. Ao contrário disso, seu uso deve estar voltado também para o trabalho das expressões idiomáticas, da gramática, da leitura de textos, da cultura, da história, dos regionalismos, para a fixação de conteúdos e conceitos, entre outros temas, promovendo, dessa maneira, uma ampliação das possibilidades de utilização da música, mostrando sua contribuição eficiente na formação do E/LE. (SILVA 2013, p. 07).

Essa necessidade de trabalhar a música no ensino de Língua Espanhola decorre do fato deste recurso se constituir uma alternativa indispensável, pois vem demonstrar que existem várias formas de ensinar, aprender e de construir a aprendizagem, e, como tal, seus benefícios são variados, uma vez que evita a fragmentação, propondo desafios, despertando a curiosidade e, permitindo numa visão pedagógica, aos alunos, confrontar suas hipóteses com o conhecimento historicamente constituído, e aos professores, auxílio pedagógico, caminhando assim, gradativamente, para a construção de conceitos científicos.

III – METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como discussão investigar a importância da música como ferramenta metodológica no ensino da língua espanhola, neste sentido esta pesquisa propõe uma metodologia cuja finalidade se aplica a uma pesquisa básica, isto é, busca aprofundar um conhecimento já disponível na ciência.

Seu objetivo possui um cunho exploratório, onde Gil (2007) define como aquele que proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Busca desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tendo em vista a formulação de problemas.

Segundo Mattar (2001), os métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e versáteis. Os métodos empregados compreendem: levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados e observação informal.

No que diz respeito a abordagem, esta pesquisa classifica-se como qualitativa-quantitativa. Segundo Gerhardt, Silveira (p. 31, 2009), “os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos”. Seu uso procura explicar a aparência do fenômeno, sua origem, suas relações e mudanças.

Quanto a abordagem quantitativa, Richardson (1999), afirma que esta pesquisa é caracterizada pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. Procura, portanto, buscar a validação das hipóteses mediante a utilização de dados estatísticos, com análise de um grande número de casos representativos.

Para Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”. Neste sentido, a pesquisa qualitativa pode ser usada, também, para explicar os resultados obtidos pela pesquisa quantitativa.

Para um melhor embasamento da pesquisa, procuramos abordar conteúdos relacionados ao tema, nos fundamentando em pesquisas bibliográficas na intenção de embasar a pesquisa com teorias já válidas e aceitas cientificamente.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Compreende-se, portanto, que a pesquisa bibliográfica é vista como um levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas para fins de conhecimento público, que subsidiam outros pesquisadores a realizarem pesquisas novas sobre o assunto.

Segundo Vergara (2000), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos e é importante para o levantamento de informações básicas sobre os aspectos direta e indiretamente ligados à nossa temática. Possui a intenção de fornecer ao investigador um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa.

Na intenção de relacionar a teoria com a realidade, partimos para a pesquisa de campo em busca de uma melhor fundamentação para a pesquisa, sendo esta caracterizada pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. (Fonseca, 2002).

Na pesquisa de campo foram utilizados como instrumentos de coleta, questionários com perguntas fechadas aos entrevistados no intuito de verificar a relação teoria e prática e alcançar os objetivos da pesquisa com base na realidade. Para Cervo & Bervian (2002, p. 48), o questionário “refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Tal questionário pode conter perguntas

abertas e/ou fechadas. As abertas possibilitam respostas mais ricas e variadas e as fechadas maior facilidade na tabulação e análise dos dados.

A amostra segundo Malhotra (2001), é um subgrupo de uma população, constituído de unidades de observação e que deve ter as mesmas características da população, selecionadas para participação no estudo. Baseado nisto, tomamos como amostra, dois públicos, sendo: 20 professores de língua espanhola e 50 alunos de turmas aleatórias do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, todos da rede pública estadual de Roraima no município de Boa Vista.

Foram elaboradas duas fichas de questionários de múltipla escolha com questões objetivas estritamente relacionadas aos objetivos da pesquisa, buscando o máximo de informações claras e objetivas dos entrevistados. O preenchimento dos questionários também foi acompanhado de uma breve entrevista no intuito de verificar a opinião dos entrevistados sobre cada questão.

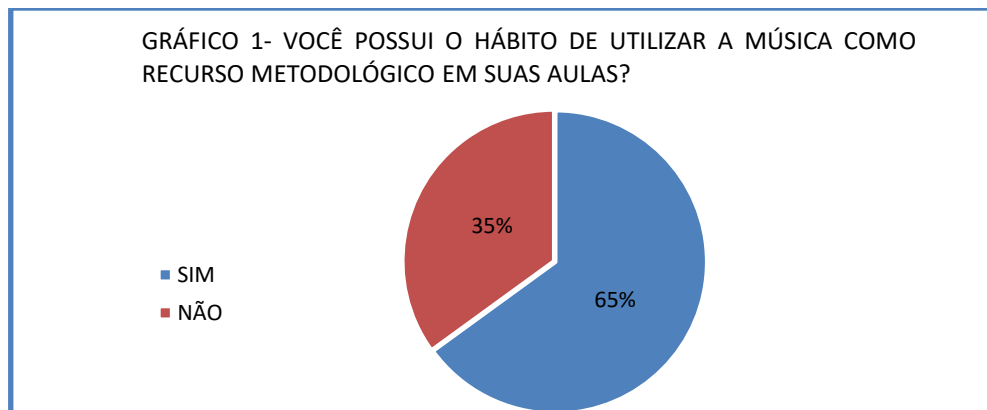
Segundo Gerhardt, Silveira (2009), a entrevista é uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma interação social em forma de diálogo, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. Pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações. Após a coleta dos dados, os resultados dos dados foram distribuídos em planilhas e apresentados em gráficos, permitindo uma melhor visão e análise diagnóstica da realidade sobre a temática em questão.

3.1 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1.1 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS PROFESSORES

Durante a pesquisa de campo, foram aplicados questionários a um público alvo de 20 professores da rede pública estadual no município de Boa Vista. Os professores pesquisados são de diferentes escolas, mas todos lecionam a adolescentes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. O questionário é composto de questões de múltiplas escolhas para facilitar o trabalho dos entrevistados, contribuindo também para uma melhor análise

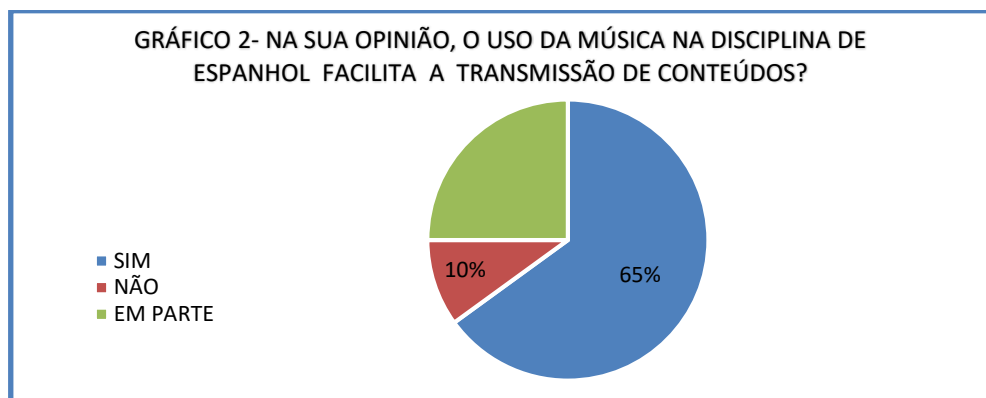
dos dados. Além disso, utilizamos a entrevista baseada nas questões a de verificar a opinião dos entrevistados acerca do assunto.



Fonte: Resultado de pesquisa realizada pela acadêmica durante a investigação do tema proposto.

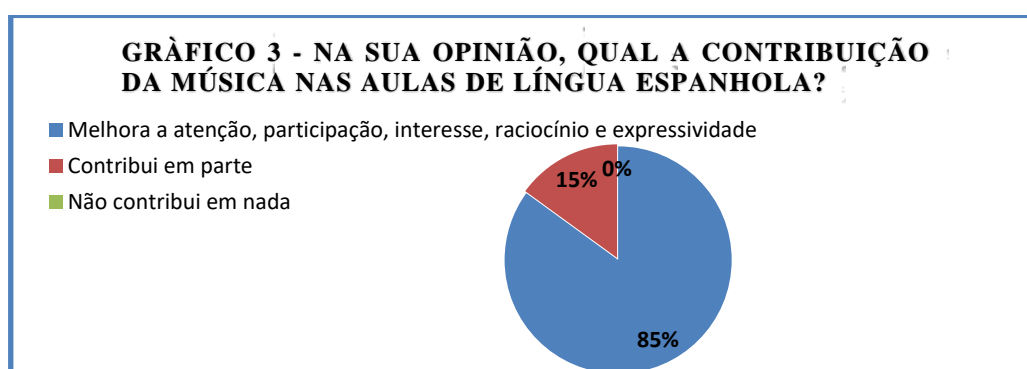
Conforme o Gráfico 1, podemos compreender que para 35% dos professores entrevistados, a música não é utilizada como um recurso metodológico nas aulas de espanhol, ou seja, os professores não priorizam essa metodologia no ensino da língua espanhola, já os outros 65% veem a música como um importante recurso capaz de prender a atenção dos alunos, deixando as aulas mais atrativas e lúdicas a fim de tornar a aprendizagem significativa. De acordo com Moreira:

É importante reiterar que a aprendizagem significativa se caracteriza pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significação para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva. (MOREIRA, 2010, p.2).



Fonte: Resultado de pesquisa realizada pela acadêmica durante a investigação do tema proposto.

Baseado no Gráfico 2, dos entrevistados 65% afirmam que a música é um recurso viável que facilita a transmissão de conteúdos de forma lúdica, atingindo sempre os objetivos propostos dos planejamentos. É um recurso que se aproxima da realidade dos alunos, no entanto, é necessário cautela quanto à escolha das músicas, pois ao mesmo tempo que a música auxilia, ela também pode atrapalhar a aula, caso a música não seja interessante. Já 10% dos entrevistados, afirmam que a música não facilita a transmissão de conteúdo, visto que para muitos alunos os estilos em língua espanhola são desinteressantes e “complicados”. Quanto aos 25% dos entrevistados, estes afirmam que a música facilita em parte a transmissão de conteúdo, pois o estilo musical utilizado e o gosto da turma influenciam muito no andamento da aula e no alcance dos objetivos propostos.



Fonte: Resultado de pesquisa realizada pela acadêmica durante a investigação do tema proposto.

Baseado no Gráfico 3, dos entrevistados 85% afirmam que a música auxilia o aluno a desenvolver a atenção, a participação, o interesse, o raciocínio e a expressividade. Para eles, a música torna a aula mais envolvente e atrativa, garantindo quase sempre a participação de todos os alunos. Já 17% dos entrevistados afirmam que a música contribui em parte, pois o estilo musical escolhido nem sempre agrada a todos, não garantindo, portanto, a participação de todos os alunos da turma. Também é importante salientar que nenhum dos entrevistados afirmaram que a música não contribui em nada, para todos, a música é um recurso imprescindível e que deve ser utilizado, desde que escolhido com cautela atrelado ao gosto musical dos alunos.



Fonte: Resultado de pesquisa realizada pela acadêmica durante a investigação do tema proposto.

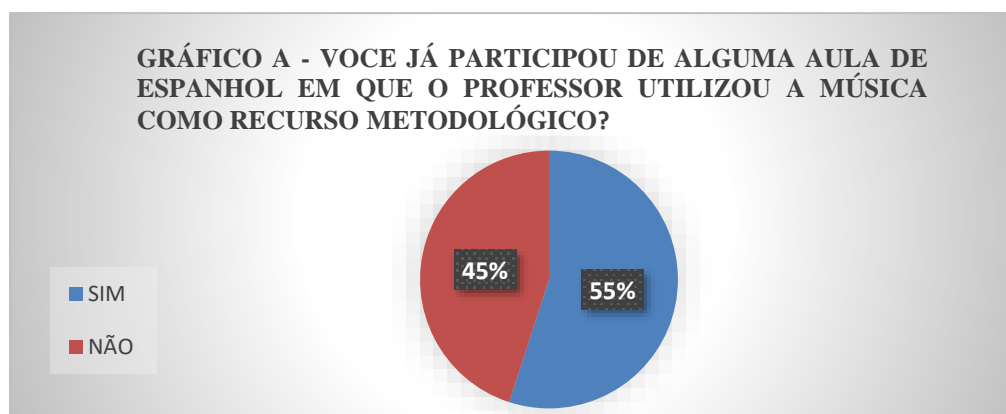
Baseado no gráfico 4, dos entrevistados 40% afirmaram que sua Instituição escolar possui recursos materiais para trabalhar com música, considerando caixa de som, microfone, data show, TV ou outros recursos tecnológicos que possibilitem a utilização da música e a disponibilidade para o professor. Entretanto, 25% dos entrevistados afirmam que não possuem recursos tecnológicos em sua instituição escolar para se trabalhar com este tipo de metodologia, alguns justificam a precariedade dos recursos materiais e dificuldade em disponibilizar para os professores, outra questão bastante destacada é a precariedade das salas de aula, no que diz respeito a falta de tomadas para ligar os aparelhos tecnológicos.

Por fim, 35% dos entrevistados afirmam que a Instituição escolar oferece em parte os recursos materiais, ou seja, alguns recursos são disponibilizados, mas desde que previamente solicitados, pois não há recursos tecnológicos suficientes para

disponibilizar a todos os professores. Outra questão destacada são as tomadas quebradas e aparelhos tecnológicos muito depreciados. Segundo Leopoldo (2004): “As novas tecnologias surgem com a necessidade de especializações dos saberes, um novo modelo surge na educação, com ela pode-se desenvolver um conjunto de atividades com interesses didático-pedagógica”.

3.1.2 RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS AOS ALUNOS

Durante a pesquisa de campo foram aplicados questionários a um público alvo de 50 alunos da rede pública estadual no município de Boa Vista. Os alunos também são de diferentes escolas, estando entre o 6º ao 9 ano do ensino fundamental. O questionário é composto de questões de múltiplas escolhas para facilitar o trabalho dos entrevistados, contribuindo também para uma melhor análise dos dados. Além disso, utilizamos a sta baseada nas questões a fim de verificar a opinião dos entrevistados acerca do assunto.



Fonte: Resultado de pesquisa realizada pela acadêmica durante a investigação do tema proposto.

Conforme o Gráfico A, dentre os alunos entrevistados 55% afirmaram que já participaram de pelo menos uma aula de espanhol em que o professor utilizou a música como recurso metodológico. Entretanto, os outros 45% afirmaram que nunca participaram de uma aula em que o professor utilizou a música como recurso metodológico. Em vista disto, compreendemos que nem todos os professores que

lecionam a língua espanhola utiliza deste recurso em suas aulas, como um método criativo e inovador. Segundo (Soares, 2008) diz: que a “utilização da música como recurso didático foi uma constante (...) considerávamos inovadora a análise de letras de música, e satisfatória a utilização do método ‘ouvir e interpretar’”.

De acordo com o Gráfico A, 55% dos entrevistados afirmaram que já participaram de alguma aula onde o professor utilizou a música como um recurso metodológico, no Gráfico B, 92% dos alunos afirmaram que aprenderam o conteúdo por meio da música, conforme mostra o gráfico acima. Segundo eles, a aula torna-se mais interessante, lúdica e descontraída, levando os alunos a sentirem-se mais motivados e consequentemente mais atenciosos na aula, garantindo a transmissão do conteúdo esperado.

Observa-se também que no Gráfico B, 8% afirmaram que aprenderam o conteúdo em parte por meio da música, isto devido o estilo musical e a letra da música ser não tão interessante. O gráfico também mostra que não houve ninguém que afirmou não ter aprendido o conteúdo por meio da música. Faria (2001) afirma: “que a aprendizagem a música é muito importante, pois o aluno convive com ela desde muito pequeno”.

Em análise à pergunta do Gráfico B, pode-se compreender que para todos os alunos entrevistados a música é um recurso lúdico e motivador da aprendizagem, capaz de deixar a aula interessante e atraente, possibilitando ao aluno a assimilação dos conteúdos de forma simples, favorecendo consequentemente uma aprendizagem significativa e o alcance dos objetivos propostos. Para Brécia (2003), “[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa, é extremamente importante que nos dias atuais o professor da língua espanhola seja um pesquisador aberto a novas metodologias, um profissional que busque conteúdos, formas de ensino e práticas pedagógicas que instiguem o aluno a participação, garantindo a assimilação de conteúdos conforme objetivos estabelecidos no planejamento escolar.

A música no ensino de Língua Espanhola, constituem-se como um importante recurso no processo de ensino-aprendizagem, pois propicia o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias à aprendizagem dos alunos, que, muitas vezes cansados das mesmas metodologias de ensino utilizadas pelos professores em sala de aula, esperam encontrar uma dinâmica prazerosa e estimulante à apreensão do conhecimento tão necessário a sua formação escolar, pessoal e social.

Além disso, a música configura-se como um recurso didático-pedagógico que facilita o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, bem como, trabalha a comunicação, a aquisição do idioma, o estímulo ao pensamento independente, a criatividade e a capacidade de resolver problemas ligados ao contexto no qual estão inseridos.

É um recurso que desenvolve no indivíduo a sensibilidade, criatividade, senso crítico, ouvido musical, prazer em ouvir, expressão corporal, imaginação, memória, atenção, concentração, respeito ao próximo, autoestima, enfim, uma infinidade de benefícios proporcionados por ela. Também é considerada uma linguagem potente para o estímulo do cérebro, pois desenvolve o raciocínio lógico-matemático e contribui para o desenvolvimento da comunicação, além de outras habilidades.

Com base nos resultados da pesquisa de campo, entendemos que a música é atrativa e envolvente, porém ainda não é utilizada por todos os professores da rede estadual devido uma série de fatores, mesmo todos tendo consciência de que a música entretém e desperta a atenção do aluno, motivando-os a aprender de maneira lúdica, auxiliando ainda o professor a manter a ordem e a disciplina em sala de aula.

Outra questão a ser considerada é que para os alunos a música como um recurso didático tornaria as aulas mais interessantes e motivadoras, levando os alunos a tornarem-se mais participativos. Entretanto, é importante salientar que as músicas a serem trabalhadas sejam contemporâneas, de modo que não fuja à realidade e ao gosto do estilo musical dos alunos, pois ao mesmo tempo que a música auxilia, ela também pode atrapalhar toda uma aula.

Assim, não há dúvidas que a música promove a aprendizagem efetiva e torna o ambiente agradável e motivacional em sala de aula porque culmina com o despertar do interesse dos estudantes para aprender uma nova língua, além disso possibilita o aluno a aprender e a construir conceitos e significados diversos sobre o conteúdo trabalhado.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexão sobre aula e práticas pedagógicas diversas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BECKER, Valesca Elias. **A música na escola**: uma estratégia pedagógica. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Criciúma, Agosto, 2006. Disponível em: <www.bib.unesc.net> Acesso em: 17 jul. 2019.

BETTI, Leilane Cristina Nascimento; SILVA, Deise Ferreira da; ALMEIDA, Flávio Fernandes de. A importância da música para o desenvolvimento cognitivo da criança. Faculdade das Américas, **Revista Interação**, 12. ed., ano VII, v. 1, n. 2, 2014, pp. 96-114. Disponível em: <www.portalamericas.edu.br> Acesso em: 17 jul. 2019.

BRASIL. LDB. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. DOU, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, MEC/SEB, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Proposta Curricular do 2º Segmento, v. 2. Brasília, MEC /SEF, 2002.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CAMPOS JUNIOR, D. Até quando? Ensaio sobre dilemas da atualidade. Barueri-SP: Manole, 2008

CARVALHO, Fernanda Peçanha. Representações dos professores de espanhol a respeito da lei federal nº 11.161 e do ensino da língua após sua promulgação, 2017.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COAN, Marluce; PONTES, V.O.de VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E ENSINO DE ESPANHOL NO BRASIL. Revista Trama, v. 9 n18, 2º semestre 2013, p.171-191.

COLETO, Daniela Cristina. A Importância da Arte para a Formação da Criança. Revista Conteúdo, Capivari, v. 1, n. 3, p. 137-152, jan./jul. 2010.

COSTA, Alexandre. Câmara aprova projeto que obriga o ensino do espanhol nas escolas. Portal MEC. 08 jul. 2005. Disponível em. Acesso em 30 mai. 2019.

DECKERT, Marta. Educação musical: da teoria à prática na sala de aula. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2012. (Cotidiano escolar: ação docente).

DEL VALLE, J. La lengua, pátria común: la hispanofonía y el nacionalismo panhispánico. In. La lengua, pátria común? – ideas e ideologías del español. Madri: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2007.

FARIA, Márcia Nunes. A música, fator importante na aprendizagem. Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f.

FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria de Rezende. Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições. 2ª ed.– São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio o Dicionário da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, João José Saraiva. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Pós-Graduação em Sociologia, 2012.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: *Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, M. Observação, Registro, Reflexão: Instrumento Metodológico. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

FREIRE, Saulo de Azevedo. *Corpos em suave movimento: técnicas corporais e apropriações culturais através da prática do Tai Chi Chuan*. Recife, 2012. 200 folhas; Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUSTSACK, Felipe. RECH, Micheli Katiani. Inclusão e avaliação de alunos com necessidades educacionais especiais, *Joaçaba*, v. 35, n. 1, p. 95-114, jan./jun. 2010.

GUIMARÃES, A história do ensino de espanhol no Brasil A. *Scientia Plena*, v. 7, nº 11, 2011. Disponível em: <https://scientiaplena.emnuvens.com.br/sp/article/download/173/423> Acesso em: 21/10/2019.

GRANBERG, 2001- *Aprendizagem da Língua Espanhola*.

Klein (1986) writes about “spontaneous” and “guided” acquisition ... Later on, with the behaviouristic theory of learning (Skinner, 1957) and the audiolingual method (Lado, 1957) doubts which must be considered and fully justified on the light of sound research (1992).

LEFFA, V. J. (1998) Textual constraints in L2 lexical disambiguation. *System*, England, v. 26, n. 2, p. 183-194.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: Disponível em. Acesso em: 24 out. 2019.

LEI Nº 11.161, DE 5 DE AGOSTO DE 2005.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm. Acesso em 28/05/2019.

LEI 11.161 de 05 de agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Diário Oficial da União, Brasília, 2005. Disponível em: Acesso em: 08 out. 2019.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: Acesso em: 09 out. 2019.

LEOPOLDO, Luís Paulo- Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias. LEOPOLDO, Luís Paulo Mercado (org.) - Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/ Formação docente e novas tecnologias. 2002.

LIMA, Cynthia da Silva; MELLO, Leila Mara. A importância da música no processo de aprendizagem. Ciência Atual, Rio de Janeiro, Volume 1, Nº 1, 2013, pp. 97-106. Disponível em: <<http://inseer.ibct.br>> Acesso em: 17 jul. 2019.

LISBOA, Maria Fernanda Grosso. A obrigatoriedade do ensino de espanhol no Brasil: implicações e desdobramentos. Revista Sínteses, Campinas, v. 14, p. 199-217, 2009.

LOEWENSTEIN, Neide Maria. A importância da música no processo de ensino aprendizagem de Espanhol. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br>> Acesso em: 17 jul. 2015.

LOUREIRO, Alcília Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental. Campinas, SP: Papirus, 2003. (Coleção Papirus Educação)

LÜDKE, M. (coord.) Aproximando universidade e educação básica pela pesquisa no mestrado. Relatório de pesquisa – Departamento de Educação. Rio de Janeiro: PUC-Rio/CNPq/FAPERJ. 2009b.

MALHOTRA, Naresh. Pesquisa de marketing. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MATTAR, Fauze Najib. Pesquisa de marketing. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MCLAUGHLIN, B. The Monitor Model: some methodological considerations. *Language Learning* 28, 1985, 309-332.

MCLAUGHLIN, Barry (ed). Second – Language Acquisition: Schol – Age Children. 2^a ed. Lawrence Erlbaum Associates: Hillsdale, NJ, 1985, p. 03. Disponível em www.questia.com> Acesso em 10 de julho de 2018.

MEDEIROS, Ana Elisa Gonçalves de Oliveira. Música: soluções para dez desafios do professor, 1º ao 3º ano do ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2011. (Nós da educação).

METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES SOBRE OS MÉTODOS, ABORDAGENS E O PÓS-MÉTODO - JALIL, Samira Abdel – Faculdades Santa Cruz. samirajalil@hotmail.com

MOLEIRO, Marta Sofia Rodrigues dos Santos. A Exploração da Canção na Aula de Espanhol como Língua Estrangeira. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt>> Acesso em: 17 jul. 2015.

PIAGET, Jean. (1976). Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

PIAGET, J. e Garcia, R. (1982) *Psicogénesis e História de la Ciência*. México: Siglo Veintiuno.

PEREIRA, Paulo Roberto Barbosa; LUCENA, Sheyla Kelly Coutinho de. Prática Pedagógica Docente de Mediação e Facilitação no Processo de Ensino-Aprendizagem. Revista Olhar Científico, Ariquemes, v. 03, n.1, p. 378 - 405, jan./jul. 2017.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PROCAILO, Leonilda – Faculdades Santa Cruz lprocailo@hotmail.com 2009.

REATTO, Diogo; BISSACO, Cristiane Magalhães. “O ensino do espanhol como língua estrangeira uma discussão sócio-política e educacional “. In: Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 04, n.07, 2º Semestre de 2007. ISSN 1807-5193.

REVISTA SCIENE, 2011; DR. Quentin Artkinson do Departamento de Psicologia da Universidade de Auckland - Nova Zelândia. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2011/04/110415_lenguaje_origen_africa_men. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTANA, Valdirene Prudente; SANTOS, Acassia dos Anjos. Motivação e aprendizagem para o ensino da Língua Espanhola: a música na sala de aula. Anais do VI Fórum Identidades e Alteridades e II Congresso Nacional Educação e Diversidade, 28 a 30 de novembro de 2013, UFS, Itabaiana/SE.

SCHULZ, Carolina Viviana Alayo Hidalgo *et al.* O ensino e a aprendizagem de língua espanhola por meio de redes sociais: o relato de uma experiência. Faculdade Interativa COC, 2010. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br> Acesso em: 17 jul. 2019.

SILVA, Andrielly Ferreira da. A música nas aulas de Língua Inglesa para aprimorar a aprendizagem dos alunos do 7º ano. Universidade Estadual de Goiás – UEG, Jussara-GO, 2013. Disponível em: <www.cdn.ueg.br> Acesso em: 17 jul. 2019.

SOUZA, Cássia Virgínia Coelho de. Linguagens na educação infantil: Linguagens Artísticas. Cuiabá: UFMT, 2008.

SOUZA, Elíria; FONSECA, Francisca; SILVA, Valdison. A música no contexto acadêmico: um instrumento didático. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), 2007. Disponível em: <http://congresso.ifal.edu.br>. Acesso em: 17 jul. 2019.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, 427.

VERGARA, Sylvia C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Você possui o hábito de utilizar a música como recurso metodológico em suas aulas?

☐ Sim

☐ Não

Justifique sua resposta:

2. Na sua opinião, o uso da música na disciplina de espanhol facilita a transmissão de conteúdos?

☐ Sim

☐ Não

☐ Em parte

Justifique sua resposta:

3. Na sua opinião, qual a contribuição da música nas aulas de língua espanhola?

☐ Melhora a atenção, participação, interesse, raciocínio e expressividade

☐ Contribui em parte

☐ Não contribui em nada

Justifique sua resposta:

4. A escola oferece recursos materiais para trabalhar a música?

☐ Sim

() Não

() Em parte

Justifique sua resposta:

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

1. Você já participou de alguma aula de espanhol em que o professor utilizou a música como recurso metodológico?

() Sim

() Não

Justifique sua resposta:

2. Caso sim, você apreendeu o conteúdo por meio da música?

() Sim

() Não

() Em parte

Justifique sua resposta:

3. Na sua opinião, a música como recurso metodológico torna a aula mais interessante capaz de garantir uma melhor assimilação dos conteúdos?

() Sim

() Não

() Em parte

Justifique sua resposta:
